



Departamento de História

Santo António no Mercado da Arte de Lisboa

Leonor de Azevedo e Bourbon Padinha Ribeiro Gonçalves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Mercados da Arte

Orientadores:

Dr. Luís Urbano Afonso, Professor Auxiliar,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Dr. Pedro Teotónio Pereira,
Museu de Lisboa – Santo António

Outubro, 2018

Santo António no Mercado da Arte de Lisboa
Leonor de Azevedo e Bourbon Padinha Ribeiro Gonçalves

Outubro 2018

- Lombada -

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo perceber a importância da figura de Santo António no mercado de arte em Lisboa, nomeadamente através de dados de Leiloeiras e antiquários. Por Santo António ser um dos santos mais significativos de Portugal, por ter nascido em Lisboa e continuar, ainda hoje, tão vivo no coração dos portugueses e, talvez ainda mais, dos Lisboetas, tentámos apurar até que ponto esta relação tão próxima tem impacto na procura deste tema nas mais variadas tipologias que surgem no mercado.

Pretende-se apurar se efetivamente a figura de Santo António, tão querida pelos lisboetas e tão marcante pela sua atualidade e devoção, é mais procurada por possíveis compradores que outras figuras de santos, por ser um dos mais importantes santos da cidade.

Desta maneira, depois de compreender o mercado da arte, nomeadamente o português, em particular o mercado da arte sacra, avançamos com o estudo da vida do santo para compreender melhor a sua vida, a sua religiosidade e o porquê desta devoção que é tão religiosa, mas também tão popular.

Palavras-Chave: Santo António, Mercados da Arte, Arte Sacra, Lisboa, Leiloeiras, Antiquários

Abstract

The present dissertation aims to understand the importance of the figure of Saint Anthony in Lisbon's art market, namely through data from auction houses and antique dealers. Because Saint Anthony is one of the most important saints of Portugal, mainly because he was born here in Lisbon and for continuing to be so near to all Portuguese (and specially Lisboners), we tried to understand how much impact this has on the pursuit of this kind of thematic that appears on the market, It is intended to ascertain if the figure of Saint Anthony, so dear to the people of Lisbon and so marked by its actuality and devotion, is more sought after by potential buyers than other figures of saints, for being one of the most important saints of the city.

In this way, after understanding the market of art, namely Portuguese, especially the market of sacred art, we advance with the study of the life of the saint to better understand his life, his religiosity and the reason for this devotion that is so religious, but also so popular.

Keywords: Saint Anthony, Art Markets, Sacred Art, Lisbon, Auctioneers, Antique dealers

Agradecimentos

Ao Prof. Miguel Cabral Mocada, ao Dr. Ricardo Hogan, ao Dr. António e ao Dr. António Miranda, pela sua amabilidade em responder às minhas questões e pela sua simpatia ao receber-me nos vossos espaços incríveis, por ter aprendido tanto convosco, muito obrigada.

Aos meus orientadores, o Prof. Luís Urbano Afonso e o Dr. Pedro Teotónio Pereira, que confiaram sempre mais em mim do que eu própria, apoiando-me constantemente e incentivando-me sempre a não desistir.

À minha família pelo apoio fundamental e por acreditarem em mim.

Ao meu marido, por tudo.

Índice

Abstract	3
Agradecimentos	4
1. Introdução	6
2. O mercado da arte sacra em Lisboa	7
2.1. O mercado da arte em geral.....	7
2.2. O mercado da arte sacra em Lisboa.....	11
3. Santo António	15
3.1. Biografia de Santo António	16
3.1.1. Contextualização Histórica: a vida de Fernando de Bulhões.....	18
3.1.2. A vida em Lisboa – da Sé a São Vicente de Fora	20
3.1.3. A vida em Coimbra - de Santa Cruz a Santo Antão dos Olivais	22
3.1.4. O desejo de martírio: chegada a Itália – de Marrocos à Sicília.....	24
3.1.5. Santo António, pregador – as viagens por Itália e França	26
3.2. Santo António, padroeiro de Lisboa	28
3.2.1. A tradição popular	29
3.2.3 A tradição erudita e religiosa.....	31
4. Santo António no mercado da arte lisboeta	36
4.1. Tipologias.....	37
4.2. Análise dos dados	38
Entrevista 1. Ricardo Hogan Antiguidades	48
Entrevista 2. Cabral Moncada Leilões	53
Entrevista 3. Galeria da Arcada	65
Entrevista 4. Galeria da Arcada	68
Bibliografia	72

1. Introdução

A escolha de tema para esta dissertação não foi fácil. Desde o início do mestrado sabia que pretendia estudar uma tipologia de arte específica e o seu impacto no mercado de arte local, nomeadamente em Lisboa, que acaba por ser o local com mais significância em Portugal ao nível dos mercados da arte. Num primeiro momento, comecei a desenvolver a minha pesquisa para um tema que me interessa bastante e que me é muito querido: a arte namban. No entanto, como posteriormente iniciei a minha vida laboral num museu da EGEAC, mais concretamente no Museu de Lisboa – Santo António, com uma temática relacionada com a cidade, mas que abrange também a arte sacra, pela figura que retrata, pensei que talvez fosse melhor estudar um tema que se relacionasse com o meu trabalho. Assim, a meio do percurso optei por mudar de tema e estudar a figura de Santo António nos mercados da arte, uma vez que o museu onde trabalho é essencialmente dedicado a este santo e à sua relação com a cidade de Lisboa, abordando não só a vertente religiosa, mas também a devoção popular em torno desta figura.

Desde modo, a presente dissertação começa por apresentar uma visão panorâmica dos mercados de arte, passando depois para o estudo do mercado da arte sacra onde se destaca a figura de Santo António se destaca, relatando um pouco da sua história, da sua vida e dos seus milagres. Entrevistámos agentes dos mercados da arte para tentar obter respostas sobre as várias dinâmicas de venda e os vários tipos de compradores que surgem. Para isso procurámos estudar e compreender os diferentes mercados e a questão da mudança de paradigma no que diz respeito ao gosto intrínseco da população, com uma redução do interesse pela arte sacra.

2. O mercado da arte sacra em Lisboa

The art market is global now, and there's becoming more of an international consensus about what constitutes good art.

Larry Gagosian

2.1. O mercado da arte em geral

Para podermos descrever o mercado da arte necessitamos primeiro de definir, em poucas palavras o que é a arte e qual a necessidade das pessoas investirem em arte. Relativamente ao mercado da arte, podemos dizer que é um sistema económico onde a arte se troca geralmente por dinheiro, podendo trocar-se também por outra obra de arte ou até por poder (NABAIS, 2015: 4).

Os mercados da arte dividem-se em dois tipos: o primário e o secundário. O mercado primário é aquele que vende obras de arte novas ou produzidas há relativamente pouco tempo, que provêm diretamente do artista e são distribuídas através de uma galeria. Para conseguir subsistir, o artista e o galerista têm que divulgar o trabalho já realizado de forma a que a sua produção seja reconhecida pelo público e, eventualmente, seja comprada por alguém. Por outro lado, o mercado secundário vende obras de arte mais antigas através de vendas privadas, de vendas feitas em estabelecimentos de retalho (antiquários, sobretudo) e através de leilões (que alguns autores consideram como o mercado “terciário”). Estes sectores são os que acabam por se distinguir e ser mais conhecidos de todos, por venderem um conjunto de obras mais significativas e célebres. A maior parte das informações disponíveis nos mercados da arte (preços de venda, estimativas, quantidades, etc.) encontram-se nas leiloeiras, já que os restantes agentes não divulgam muita informação e trabalham dentro de um código de conduta onde a discrição é dominante. Acompanhando os leilões, onde se realizam vendas públicas, percebem-se as tendências de mercado e o comportamento de certas tipologias de peças. No que toca a galerias e antiquários, de facto, a informação é mais difícil de obter, pois não disponibilizam dados sobre as suas vendas, tornando o acesso a este tipo de informação muito difícil.

O desenvolvimento dos mercados da arte conheceu uma aceleração com a globalização e com a introdução das novas tecnologias, tornando mais alargado o acesso a informações. Tudo isto levou a que os mercados da arte tenham vindo a sofrer grandes alterações nos últimos anos, sobretudo em termos da sua consistência, da sua geografia, da sua estrutura e das tipologias dominantes ao nível dos bens transacionados (AFONSO, 2012: 8).

Apesar de os mercados da arte representarem uma dimensão relativamente pequena dentro da economia mundial, trata-se de uma área que tem alguma relevância quando se agregam todos os dados disponíveis e se percebe que os mercados da arte globais movimentam receitas equivalentes a um terço do PIB português, dando emprego diretos a dezenas de milhares de pessoas por todo o mundo além de alimentarem uma série de indústrias acessórias (conservação e restauro, transporte especializado, seguros, tipografias, etc.). Os efeitos das crises que se foram fazendo sentir, apesar de não estagnarem totalmente os mercados, reduziram o seu volume de vendas, não só nos primeiros anos da década de 90, como em 2008-09. Nestes dois casos produziram-se quedas acentuadas de vendas, consideravelmente mais notórias na década de 1990, que foram ultrapassadas com maior ou menor dificuldade. Em 2011, por exemplo, conseguiu-se atingir o volume de negócios existente antes da crise de 2008-09. Relativamente à questão geográfica, o que se tem vindo a sentir nos mercados é que o mundo asiático alcançou uma importância inimaginável há duas décadas. Hoje, a China é um país que disputa com os EUA a maior fatia do mercado da arte mundial, até porque os principais centros dos mercados da arte encontram-se em Pequim, Hong Kong, Xangai, a par de Paris, Londres e Nova Iorque.

Em Portugal, falar dos mercados da arte continua a ser bastante delicado, em termos económicos, porque é uma área que continua pouco estudada e que, para além disso, é pautada pela reticência dos agentes em apresentar os resultados de vendas, excluindo a Cabral Moncada Leilões (MAGALHÃES, 2008). Por outro lado, são notórios os efeitos da crise iniciada em setembro de 2008, visíveis na perda de quota de mercado dos antiquários e galeristas para as grandes leiloeiras (AFONSO, 2012:9). De facto, no estudo *The European Art Market* (Kusin and Company, 2002) os únicos países que não apresentam qualquer tipo de dados

relativamente ao número total de vendas de antiquários e leiloeiras, bem como a quantidade de empresas e empregos nesta área, são efetivamente Portugal e Grécia.

Até cerca do ano 2000, o gosto dominante dos portugueses e a procura da arte era assumidamente conservadora e tradicionalista, em linha com a educação e a tendência geral da sociedade. Um exemplo disto é a coleção do empresário António Champalimaud, que foi vendida na Christie's de Londres em 2005 e onde não se encontrava qualquer obra de arte contemporânea (MAGALHÃES, 2008). Associado a este gosto e educação, a tendência era procurar o que tinha sido produzido em Portugal ou nas colónias portuguesas ao longo dos tempos. As artes decorativas foram e continuam a ser uma força substancial na procura do consumidor português, destacando-se a talha e o azulejo, dois géneros característicos da arte portuguesa.

No entanto, atualmente nota-se uma tendência diferente. A venda direta aumentou, fazendo diminuir a venda de peças em leilão a retalhistas ou a intermediários. Este reforço da venda a consumidores finais, fez com que a realidade de valores em leilão se alterasse, atingindo assim preços mais elevados. Ainda assim, as leiloeiras continuam a ter um papel marcante, principalmente em Lisboa, cidade onde as duas principais empresas estão sediadas: Cabral Moncada Leilões e Palácio do Correio Velho. Note-se que em 2008, quando João Magalhães escreveu o seu texto “Portugal” incluído na edição de Goodwin *The International Art Markets: the essential guide for collectors and investors*, registava que o mercado de arte português estava a crescer e que ao nível dos leiloeiros se concentrava em três empresas: as acima referidas – Cabral Moncada Leilões (CML) e Palácio do Correio Velho (PCV) – mas também a Leiria e Nascimento. Ainda que em 2008 a Leiria e Nascimento tivesse um número considerável de vendas e algum volume de negócio, o certo é que entrou em processo de insolvência em 2012, tendo fechado definitivamente em novembro de 2015. Assim, atualmente, as principais leiloeiras em funcionamento são efetivamente a CML e o PCV, sendo que existem outras que têm subsistido, como a Aqueduto, a Renascimento, a Veritas, e outras mais pequenas, mas com algum volume de vendas, nomeadamente *online*, como a Bidding, a ArtBid, entre outros. Quer a CML quer o PCV começaram ainda com os leilões *online*, o que provocou mais procura e interesse por parte das gerações mais

novas – não só por ser mais acessível economicamente, mas também por ser de fácil utilização e apelativa ao utilizador.

Nos últimos anos, a procura nos mercados da arte de Lisboa tem-se desviado mais para a arte moderna e contemporânea, contrariando as tendências das décadas anteriores, quando se valorizava mais a arte antiga e o gosto mais tradicional, conservador e nacionalista (MAGALHÃES, 2008). A maior divulgação e o acesso facilitado à arte e à cultura contemporânea fomentaram esta mudança, fazendo com que a arte contemporânea não seja tão elitista, mas sim – e cada vez mais – de todos os cidadãos.

É de salientar que em Portugal os mercados da arte têm vindo a ter uma cadência de crescimento quase constante desde os inícios da década de 1980, interrompida por pequenas adversidades em meados dessa década e no início da década de 1990, aquando das crises financeiras, mas sem nunca os afetar demasiado. O crescimento mais significativo sentiu-se entre os anos de 2003 e 2007, sendo que 2007 representou o ano do pico de crescimento, com os mercados nacionais a atingir cerca de €48.1 milhões de vendas, atingindo o valor mais alto até então (NABAIS, 2015: 13). A procura dos compradores de arte era, de uma forma geral, quase sempre a mesma: a arte portuguesa e toda aquela produzida em antigas colónias portuguesas ou em territórios com feitorias lusas: *“De uma maneira geral, este comportamento dos consumidores emulava a tipologia das melhores coleções privadas de Portugal durante o Estado Novo, como a de Ricardo Espírito Santo Silva, Anastácio Gonçalves, Abel de Lacerda ou António de Medeiros e Almeida, pelo que se pode falar de um prolongamento dos valores simbólicos associados a este tipo de posse e consumo”* (AFONSO, 2012: 10).

2.2. O mercado da arte sacra em Lisboa

Ao longo dos tempos, o interesse e o gosto pela arte sacra no mercado tem vindo a decrescer. Contribuem para isso várias razões, mas talvez a mais significativa seja a crescente secularização da sociedade e o desinteresse em relação à religião. Consequentemente, é cada vez mais nítido o afastamento das pessoas que até há uns anos se interessavam pela temática. Segundo Miguel Cabral Moncada, vivemos num período em que cada vez mais pessoas não são crentes, quando há duas ou três gerações eram verdadeiramente devotas e praticavam o culto com vontade e, naturalmente, com regularidade. Era por isso mais normal encontrar nas casas objetos religiosos, como figuras de santos, oratórios e peças de mobiliário relacionadas com o culto cristão. No entanto, o que acontece hoje em dia é que os compradores interessados por este tipo de arte, normalmente adquirem as peças apenas enquanto objetos de arte e não tanto por estarem associadas à religião.

Apesar de uma mudança no paradigma no gosto das pessoas, a arte sacra continua a representar uma tipologia pela qual as pessoas se interessam. Por um lado, a população portuguesa ainda conta com muitos crentes, sendo esse número mais forte entre as elites, pelo que continuam a existir pessoas com particular interesse em conservar obras de natureza religiosa. Por outro lado, há também muitos colecionadores que abordam a arte sacra dessacralizando-a, ou seja, abordando estas peças como objetos de arte e não como objetos de culto (cf. anexo, entrevista a Miguel Cabral Moncada). O facto de termos um objeto religioso em casa, como uma escultura do nosso santo de devoção, não significa que o tenhamos de ter fechado dentro de um oratório e que o mesmo seja objeto de devoção dentro de casa. É muito mais comum alguém adquirir esse mesmo tipo de escultura para decorar a casa e não tanto por motivos devocionais.

Note-se que o mercado da arte sacra funciona essencialmente ao nível do mercado secundário, ou seja, encontra-se mais frequentemente em antiquários e leiloeiras. Ainda assim, e por ser uma categoria bastante específica, representa uma percentagem no volume de vendas considerável, estando muitas vezes integrada nas vendas de arte antiga e mobiliário, nomeadamente em leiloeiras, podendo chegar a valores na ordem dos dois dígitos percentuais (cf. anexo, entrevista a Miguel Cabral Moncada).

Em Lisboa não há muitos antiquários especializados apenas em arte sacra. Atualmente persistem as lojas do antiquário Ricardo Hogan e a Galeria da Arcada de António Miranda, sendo que quase todos os agentes, leiloeiras e antiquários incluem esta tipologia de arte nas suas vendas. Em abril de 2012 foi realizado um estudo pelo Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica que demonstra que, apesar de haver um decréscimo considerável de pessoas que se assumem católicas, 79,5% dos inquiridos continuam a afirmar-se como tal (em 1999, o valor era de 86,9%). O número total de católicos praticantes, ou seja, aqueles que frequentam a eucaristia pelo menos uma vez por semana é de 45,7% (MARTINS, 2012: 33). Apesar destas alterações, este decréscimo não influenciou muito os mercados de arte sacra. Desde logo, porque este decréscimo deveu-se ao facto de serem os mais jovens a não se identificarem com a religião e, por enquanto, não são estes que frequentam leilões e compram obras de arte. No entanto, tem-se sentido que o Papa Francisco levou as pessoas a aproximarem-se mais da Igreja, desde logo pela partilha de pensamentos e valores que o próprio Papa transmite, ainda que não sejam crentes.

Relativamente à tipologia de peças de arte sacra vendidas em leilão, importa referir que no mercado surge um número consideravelmente maior de esculturas, enquanto as pinturas são de número muito mais reduzido, contrariando a preferência por pinturas nos mercados da arte em geral. Provavelmente, a escolha de esculturas prende-se ao facto de estas terem mais durabilidade e, por outro lado, por serem objetos mais propensos ao culto e à devoção. Durante anos, as esculturas de santos integravam os móveis de oratório e as pinturas integravam o próprio móvel (estando por exemplo nas portas do mesmo). Quanto às pinturas que surgem no mercado, muitas são de grandes dimensões, provavelmente encomendas para Igrejas ou Capelas, enquanto as esculturas eram executadas e compradas com finalidades devocionais de ordem privada. A presença de objetos de arte sacra em leilões tem sido constante, notando-se, evidentemente, que a escultura surge mais nos mercados do que qualquer outra tipologia de objetos.

Quanto à origem das peças, a maior parte delas é de origem portuguesa ou Lusitana (ou seja, dos territórios ultramarinos do Império Português ou de pontos onde existiam apenas feitorias ou o seu equivalente), existindo apenas uma pequena

percentagem de peças de outras origens. O surgimento destas peças no mercado e em grande quantidade deveu-se a dois importantes fatores: a extinção das ordens religiosas e, posteriormente, com a nacionalização dos bens da Igreja em 1911, grande parte dos bens móveis que os antigos conventos e algumas igrejas tinham acabou no mercado (cf. anexo, entrevista a Miguel Cabral Moncada). É por isso possível concluir que os objetos de arte sacra continuam a ter importância e a ter um peso significativo no volume de vendas dos agentes de mercado.

Atualmente, os temas e figuras religiosas mais frequentes que surgiram nos mercados da arte estão relacionadas com a Santíssima Trindade, Nossa Senhora, Cristo Crucificado e o Menino Jesus, o que revela interesse pelas temáticas religiosas e dogmáticas e a possível devoção dos compradores que procuram este tipo de objetos. Por outro lado, a procura de santos homónimos dos colecionadores também é considerável, tal como alguns santos populares, como São João Baptista, Santo António e São Pedro, que aparecem em leilão com alguma frequência.

Pode-se dizer que mais de metade dos objetos que surgem nas leiloeiras são vendidos pelo valor base, como se pode ver nos quadros mais à frente. Relativamente à venda em antiquários, nomeadamente a galerias como as de Ricardo Hogan e António Miranda, que são direcionadas para a venda deste tipo de objetos, o que se apura é que têm um grupo de clientes mais restrito e fiel, que procura determinado objeto para a sua coleção. Este tipo de colecionadores, no entanto, é mais difícil de satisfazer. Pode aparecer uma determinada figura de um santo, rara, com algum valor histórico, mas que não vai ao encontro do gosto do possível comprador. Por sua vez, uma figura mais artesanal, menos valiosa, pode ter muito mais interesse para esse colecionador. Isto significa que a escolha não tem a ver com o valor monetário em questão, mas sim com a empatia (cf. anexo, entrevista a Ricardo Hogan).

No que respeita a valores, através do estudo executado por Inês Martins (2012), é possível observar que a tendência na venda de objetos de arte sacra em leilões é pautada por uma percentagem considerável de objetos retirados, semelhante à proporção de objetos vendidos, sendo que dos vendidos, apenas um pequeno número é vendido por um valor superior à base. O afastamento face a temas religiosos já referido anteriormente poderá ser um fator para esta procura reduzida,

apesar de continuar a haver clientes para este tipo de peças. No entanto, o que se nota é que apesar de continuar a haver interesse, por melhor que seja a qualidade de um objeto, não há disputas entre os possíveis compradores das peças. Por outro lado, relativamente ao volume de vendas, o ano em que mais objetos de arte sacra foram vendidos na Cabral Moncada Leilões foi o de 2007, sendo, no entanto, o ano de 2009 aquele em que o valor total de vendas foi superior, contrariando a crise económica que se fazia sentir.

Nos últimos anos, têm surgido inúmeras peças de arte sacra em leilão e nos principais agentes de mercado de Lisboa deste tipo, talvez pelo já mencionado desinteresse das gerações mais novas neste tipo de objetos. Os objetos surgem em leilão presencial e online e continuam a ter uma saída considerável, como poderemos analisar mais à frente. Relativamente aos antiquários, penso que o que acontece atualmente é uma realidade económica diferente e mais difícil, o que faz com que muitas vezes haja períodos de muita instabilidade para os próprios negócios. Os períodos de Natal acabam por ser bons escapes para conseguirem vender melhor, mas a procura já não é tão constante como era há uns anos (cf. anexo, entrevista a António Miranda).

Conforme já referimos, não interessa muitas vezes a extrema qualidade da obra, mas sim o que ela significa para quem compra. Este fator é importante na medida em que a procura por este tipo de objeto já não precisa de ser tão elitista para que ele possa ser apreciado. Relativamente a este estudo em particular, iremos tentar perceber se a figura de Santo António – por ser o santo popular da cidade de Lisboa – tem mais procura do que os outros santos e se é vendido, por quanto e a quem.

3. Santo António

Estudar a figura de uma personagem tão marcante da história de Portugal é um grande desafio. Santo António é uma das figuras portuguesas mais conhecidas mundialmente. Ao longo deste percurso a trabalhar no Museu de Santo António, em Lisboa, tenho-me apercebido cada vez mais que Santo António tem uma característica muito interessante e que, a meu ver, o distingue de outros santos da Igreja Católica: chega a qualquer pessoa, católica, não-católica, muçulmana, atea. Mantém-se vivo e com uma força indescritível, de tal maneira que ainda hoje surgem pessoas a querer partilhar determinados milagres que experienciaram por causa de Santo António. A devoção em sua honra ultrapassa todas as barreiras possíveis: a da língua, a da imagem, e até mesmo do estatuto social.

*Qual Santo António! Tu és tu.
Tu és tu como nós te figuramos.*

*Valem mais que os sermões que
deveras pregaste*

*As bilhas que talvez não
concertaste.*

*Mais que a tua longínqua
santidade*

*Que até já o Diabo perdoou,
Mais que o que houvesse, se houve,
de verdade*

*No que — aos peixes ou não — a tua
voz pregou,*

*Vale este sol das gerações antigas
Que acorda em nós ainda as
semelhanças*

*Com quando a vida era só vida e
instinto,*

*As cantigas,
Os rapazes e as raparigas,*

As danças

E o vinho tinto.

*Nós somos todos quem nos faz a
história.*

*Nós somos todos quem nos quer o
povo.*

*O verdadeiro título de glória,
Que nada em nossa vida dá ou traz
É haver sido tais quando aqui
andámos,*

*Bons, justos, naturais em singeleza,
Que os descendentes dos que nós
amámos*

*Nos promovem a outros, como faz
Com a imaginação que há na
certeza,*

*O amante a quem ama,
E o faz um velho amante sempre
novo.*

*Assim o povo fez contigo
Nunca foi teu devoto: é teu amigo,
Ó eterno rapaz.*

Desta maneira, a procura pela história deste santo de todos surge em dimensões enormes e cada vez maiores. Muita gente descobre, ao passar na rua, que esta foi a cidade onde Santo António nasceu e fica maravilhado e com vontade de conhecer mais.

3.1. Biografia de Santo António

A vida de Fernando de Bulhões tem sido escrita e reescrita ao longo dos anos e é difícil saber qual a versão mais certa ou até mesmo mais completa. Santo António viveu nos séculos XII e XIII e o que se sabe dele, por onde passou, onde estudou e em que anos, é informação que é fundamental, mas maioritariamente proveniente de lendas ou tradições. Note-se que as primeiras grandes biografias do santo foram escritas e desenvolvidas bastante tempo depois da sua morte, o que pode comprometer determinados dados que pensaríamos ser factos, mas poderão ser simplesmente opiniões. Ainda assim, há algumas certezas e é possível delinear uma cronologia de Santo António, desde o seu nascimento em Lisboa até à sua morte em Pádua. Vejamos alguns dados sobre a vida do santo, apresentados por ordem cronológica (DÂMASO DOS SANTOS, 2014: 37):

- Desde que nasce até 1210: terá vivido com os pais e irmãos em Lisboa, junto à Sé, no local onde hoje se ergue a Igreja, e realiza os primeiros estudos na Escola da Sé.
- Em 1210, com aproximadamente 15-18 anos de idade, apercebe-se que quer enveredar pela vida religiosa. Assim, ingressa na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Convento de São Vicente de Fora, em Lisboa, onde terá ficado durante dois anos.
- Em 1212 pede transferência para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.
- Em 1220, entre Abril e Agosto, provavelmente já sacerdote, pede para ingressar na Ordem dos Frades Menores, no ermitério de Santo Antão dos Olivais, em Coimbra.
- Em 1220, no Outono, parte para Marrocos, onde acaba por adoecer.

- Em 1221, no início do ano, por motivos de doença, pensa-se que terá tentado regressar a Lisboa. Porém, segundo a tradição, uma forte tempestade conduz o barco para a costa da Sicília.
- Em 1221, em Junho, assiste ao Capítulo Geral da Ordem Franciscana em Assis e é transferido para Montepaolo.
- Em 1222, em Setembro, assiste à cerimónia de ordenação sacerdotal em Forlì e mostra pela primeira vez os seus dotes de pregador, o que influencia a sua ida para o Norte de Itália como evangelizador.
- Em 1223 esteve no Capítulo de Pentecostes em Rimini, e é nomeado pelo fundador da Ordem, São Francisco, o primeiro Mestre de Teologia.
- Em 1224 segue para Bolonha onde passa a ensinar Teologia.
- Entre 1224 e 1227 desloca-se pelo Sul de França em ação evangelizadora, passando por Montpellier, Arles, Toulouse, Limoges, Brive, Saint-Junien, Solignac, Bourges e Le-Puy.
- Em 1227, na Primavera, assiste ao Capítulo Geral do Pentecostes, em Assis.
- Em 1228 desempenha a função de Ministro Provincial da Romanha e da Lombardia, no Norte de Itália.
- Em 1229 ensina Teologia em Pádua.
- Em 1230, Junho, assiste ao Capítulo Geral de Assis. É enviado posteriormente a Roma em busca de esclarecimentos acerca do testamento de São Francisco e regressa a Pádua para se dedicar à pregação.
- Em 1231, meados de Maio, sentindo-se cansado, retira-se para o eremitério de Camposampiero.
- Em 1231, a 13 de Junho, morre em Arcella, quando se encontrava a caminho de Pádua, para onde pedira para ser transportado para morrer.
- Em 1231, a 17 de Junho, é sepultado em Santa Maria de Pádua, conforme desejava.

As cronologias da vida de Santo António podem ter as mais variadas interpretações e compreensões, mas uma coisa é certa: a sua vida marcou muita gente pela sua humildade, ambição e amor a Deus. É, sem dúvida português, mas

quis ir mais além e transmitir tudo o que tinha aprendido. Viveu grande parte da sua vida em Portugal, mas quis partilhar com o mundo o seu conhecimento. Foi dos poucos Doutores da Igreja, título a ele atribuído em 1946 pelo Papa Pio XII. Por aí se nota como marcou as gentes do seu tempo e continua, todos os dias, a marcar outros. Isto é de tal forma real, que todos os anos são escritos livros sobre a sua vida, com novas interpretações e novos temas em torno da personagem de Santo António.

Destaco, por exemplo, a obra publicada por Gonçalo Cadilhe recentemente, que fala da vida de Santo António, nomeadamente da viagem que terá feito ao longo da sua vida, e do impacto que a mesma teve nos locais em que passou. É fundamental perceber que são interpretações de cada escritor e investigador, mas não deixa de ser interessante perceber o interesse das mais variadas pessoas por esta figura que viveu no século XIII e que continua a suscitar interesse por parte de tanta gente, criando problemáticas novas em torno da sua “imagem” já criada.

3.1.1. Contextualização Histórica: a vida de Fernando de Bulhões

Santo António de Lisboa, ou de Pádua – como é conhecido universalmente – nasceu em Lisboa, como defende a tradição do século XVII e XVIII. Fernando Martins de Bulhões, nome com que foi batizado, terá nascido aproximadamente no dia 15 de Agosto de 1191¹, sendo “*difícil determinar com precisão a data de nascimento do futuro santo, facto que condiciona em absoluto a elaboração de um exacto registo cronológico dos dados biográficos de Santo António*” (DÂMASO DOS SANTOS, 2014: 37).

Proveniente de uma família burguesa e bastante reconhecida na cidade de Lisboa, “*que o rei D. Afonso V elevou à nobreza em 6 de junho de 1476*” (AAVV, 2016:13). Era filho segundo de Martim de Bulhões, ou Bulhen, e Teresa Taveira, “*dama nobilíssima, que se julga ser descendente de Fritão, rei das Astúrias, que*

¹ Em torno da questão da data de nascimento de Santo António há inúmeras interpretações, sendo que a acima referida é a convencionada. *Convencionou-se datar o nascimento do santo no dia festivo da Assunção de Maria devido à intensa devoção que ele teve pela Virgem.* (NUNO, 2008: 38). Relativamente ao ano de nascimento, há inúmeras teorias que defendem o ano de 1188 e 1195 como o ano do seu nascimento, no entanto depois da exumação feita em 1981, defende-se que terá nascido no início da década de 90, entre 1190 e 1191.

*floresceu no século oitavo, e senhora adornada de singular piedade, como, segundo a afirmação de muitos escritores, o atesta a inscrição sepulcral que se lê na Igreja de São Vicente de Fora” (AZEVEDO, 1990: 9). Segundo a tradição, pensa-se que seu pai, Martim de Bulhões, terá tido uma relação próxima com o rei, pela localização privilegiada da sua casa e pela importância da família. Assim, o nome escolhido: Fernando Martins de Bulhões e Taveira de Azevedo, terá sido provavelmente em honra de seu tio que era cônego da Sé. Morava com os seus pais no local onde hoje se ergue a igreja-santuário em sua homenagem, num local privilegiado e bastante perto da recém-construída catedral da cidade, que ainda vivia períodos de grande instabilidade. “Desde os primeiros anos da sua vida foi educado por sua mãe, em sintonia com as práticas cristãs. Com 7 ou 8 anos de idade, ingressou na escola anexa à Catedral de Lisboa, onde estudou as primeiras letras. Aí foi também menino de coro” (GANHO, 2007: 5). Era um menino trabalhador e interessado pelas mais variadas matérias e rapidamente mostrou interesses pelas disciplinas que estudou: o *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e o *Quadrivium* (Música, Aritmética, Geometria e Astronomia) (AAVV, 2016: 13).*

Nesta fase ainda se sentia alguma instabilidade, através de um panorama assinalado por diversas adversidades naturais e resultante miséria e escassez de géneros. Acrescia a estes problemas uma certa instabilidade devida ao próprio Clero, que cometia consecutivos abusos. Nessa altura o poder dos reis estava mais limitado, desenvolvendo esforços para centralizar o seu poder, que até aí estava repartido por uma miríade de senhores. Todas estas realidades, de uma maneira ou de outra, incentivaram e influenciaram a forma de ser de Fernando, que se preocupava muito com o meio social em que estava integrado.

Quando, por volta dos 18 anos, decide ingressar no Mosteiro de São Vicente de Fora, Fernando apercebe-se da sua necessidade de oração e contemplação, mas também de aprender cada vez mais a palavra de Cristo. Anos mais tarde, já em Coimbra, pareceu ao jovem Fernando que a adoção do novel hábito franciscano – depois de ter ostentado o traje dos agostinhos – seria uma forma de melhor imitar a Cristo: “*uma existência virtuosa através da renúncia e do despojamento, um novo entendimento da Fé expresso através da tolerância para com o inimigo, de uma*

pastoral urbana e de uma pregação ativa, foi a Regra da vida por ele exemplarmente adotada” (AFONSO, 1991: 16).

3.1.2. A vida em Lisboa – da Sé a São Vicente de Fora

Quando Fernando Martins de Bulhões nasceu, Lisboa era ainda uma recém cidade cristã, conquistada pelo rei D. Afonso Henriques em 1147, e estava ainda rodeada de inúmeras ameaças, encerrada dentro de muralhas para se defender de possíveis ataques dos muçulmanos, não só por via terrestre, mas também por via marítima. Lisboa não era, de facto, como a conhecemos, apesar de ter já uma considerável dimensão (AZEVEDO, 1909: 9). Vivia-se uma enorme pobreza, de tal forma que apenas os mais ricos tinham dinheiro para ter uma casa dentro das muralhas da cidade e, quem não o tinha, vivia em bairros com condições terríveis e míseras. Deste modo, como havia um enorme índice de fome, muitos eram aqueles que queriam ingressar no exército para se tornarem soldados e seguir o rei nas suas guerras de conquista porque, pelo menos assim, tinham alimento garantido (MATTOSO, 1991: 29). Por isto, a vida em Lisboa de então era bastante instável: ainda tão próxima da fronteira limítrofe do pequeno país, ainda tão vulnerável e violenta.

Desde muito cedo, a fé e espiritualidade cristãs foram incutidas ao pequeno Fernando. Ingressou na Escola da Sé bastante novo e por lá permaneceu durante cerca de dez anos. Ali terá aprendido todas as bases: aprendeu a ler, a contar, a escrever e a cantar. Estudou também, como já se referiu, as artes liberais do *trivium*, nas quais se integram a Gramática, a Retórica e a Dialética e do *quadrivium*, onde estudou Música, Aritmética, Geometria e Astronomia.

Fernando viveu com seus pais até ao fim da sua adolescência e por essa altura, no ano de 1209, com dezoito anos (AAVV, 2016:13), decide que quer ingressar no Mosteiro de São Vicente de Fora, que era bastante perto da casa de seus pais mas que se localizava fora das muralhas da cidade. Aqui toma o hábito de Cónego Regrante de São Agostinho (NUNO, 2008: 55). Pensa-se que inicialmente, os seus pais o tentaram dissuadir desta determinação – principalmente o seu pai, que gostaria de o ver como cavaleiro e de o ver casar com uma bela dama da nobreza –

mas acabaram por aceitar a sua decisão. Note-se que segundo a grande reforma da Igreja feita pelo papa Gregório IV, os monges agostinianos deveriam dar a sua contribuição à reforma dos costumes, mantendo sempre o contacto direto com o mundo exterior, evitando os claustros e todo o isolamento a eles ligado: “*No entanto, os cónegos regrantes de Santo Agostinho, deveriam ter como objetivo tentar imitar a vida dos apóstolos, ou seja, ensinar e fazer pregações ao povo; além disso, agora também deviam, por determinação papal, tratar das questões políticas e económicas*” (NUNO, 2008: 57).

Permanece em São Vicente de Fora por dois anos num ambiente de aprendizagem e recolhimento, onde é “*acolhido pelos restantes cónegos regrantes de Santo Agostinho, que o reconhecem como um candidato com uma rara piedade, um espírito vivo, trato amável e sobretudo de nascimento ilustre e nobre*” (AZEVEDO, 1909: 15). Aqui aprofundou os seus estudos e o seu conhecimento e vive em profunda reflexão e recolhimento – é aqui que Fernando tem toda a sua base académica e de formação, que acaba por o distinguir ao longo dos tempos como um dos eclesiásticos mais cultos da Europa (VIANA, 2008: 13). No entanto apercebe-se que não está completamente sossegado. Segundo se sabe, ao longo destes dois anos, os seus familiares e amigos continuam a visitá-lo frequentemente e acabaram por importuná-lo na sua vocação religiosa (AAVV, 2016: 13), pelo que Fernando se sente invadido e importunado, na medida em que os mesmos acabavam por trazer notícias do mundo exterior, das suas realidades e das mais variadas tentações, que pareciam querer desviá-lo ou persuadi-lo da sua vocação religiosa. Assim, ansiando continuar os seus estudos em verdadeiro recolhimento, sem incómodos e tentações, Fernando decide pedir autorização para mudar de abadia, dentro da mesma ordem. Acaba por ir para a então capital do país, Coimbra, ingressando no Mosteiro de Santa Cruz em 1211, que é um dos mais importantes mosteiros dessa mesma ordem, importante baluarte da monarquia portuguesa: “*Assim, lastimou-se o Mosteiro de São Vicente, que é o segundo depois do de Santa Cruz, por perder Fernando: porém [o seu] prior apreciando o motivo que impelia ao noviço, se resolveu a conceder-lhe a licença pedida, passado que fosse o seu segundo anno de religião. Pelo contrário, com regozijo grande o recebeu o prior de Santa Cruz, que logo conheceu o grande tesouro que adquiria em novo súbdito,*

cujo trato afável, pronta obediência, pontualidade ao coro e aos mais exercícios espirituais, lhe manifestam desde logo um límpido espelho da perfeita observância regular” (AZEVEDO, 1909: 16).

3.1.3. A vida em Coimbra - de Santa Cruz a Santo Antão dos Olivais

Chegando a Coimbra e ao Mosteiro de Santa Cruz, Fernando tem agora a possibilidade de aprofundar ainda mais os seus conhecimentos e não ter visitas que o possam distrair e dissuadir do que quer que seja. Note-se que por esta altura o Mosteiro de Santa Cruz² era o local mais conceituado para prosseguir os estudos, sendo uma das mais importantes, senão a mais importante escola eclesiástica do país. Permanece em Coimbra por oito anos, como Cónego Regrante de Santo Agostinho até ser ordenado sacerdote com 25 anos de idade: *“Quando Fernando Martins recebe a sua ordenação sacerdotal, provavelmente em 1218 ou 1219, começavam a aparecer os primeiros sinais de apaziguamento e de superação da violenta crise em que o país até então estivera mergulhado” (MATTOSO, 1991: 32).*

De facto, em 1215 juntaram-se os vários exércitos dos vários reinos peninsulares, todos comandados por Afonso VIII, que acabaram por derrotar os almóadas em Navas de Tolosa, sendo que em 1217 o bispo de Lisboa com a ajuda de uns cruzados conseguiu conquistar Alcácer do Sal, local de onde geralmente seguiam os mais assombrosos ataques à grande cidade por parte dos muçulmanos. Assim, terá sido por esta altura que Fernando começou a pôr em prática os seus profundos conhecimentos teológicos, começando a pregar sermões e homilias. Por outro lado, foi precisamente por esta altura que apareceram em Coimbra os

² *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra tem uma enorme importância no Reino. Nesta altura, D. Afonso guardava em Santa Cruz os tesouros resultantes das suas incursões anuais às terras mouras do sul. Assim, o Mosteiro torna-se uma espécie de caixa-forte do primeiro rei português. Embora os seus bens não possam ser usufruídos pelos religiosos residentes, as doações para atender às necessidades vitais dos internos são régias (NUNO, 2998: 76).*

primeiros franciscanos. Aposentavam-se na ermida³ de Santo Antão dos Olivais, que se localizava nos arredores da cidade, no cimo de um monte. Estes frades franciscanos eram substancialmente diferentes do resto do clero da cidade: viviam de uma forma simples e pobre, renunciando a qualquer bem material que lhes quisessem dar. Iam ao encontro de quem precisava de ajuda, nomeadamente doentes. Note-se que o restante clero, pelo contrário, era “*reconhecido pela acumulação de bens e da superioridade espiritual e temporal*” (MATTOSO, 1991: 34). Por outro lado, a forma como os franciscanos propagavam a sua fé pelos hereges ou muçulmanos não era através de cruzadas, mas sim de uma forma mais pacífica e mais humana: meramente através da palavra de Cristo. De tal forma isto acontecia que corriam o risco de entrar em territórios muçulmanos desarmados com o objetivo de converter esses habitantes, tentando convertê-los apenas usando a força da palavra. É por esta altura que Fernando conhece de perto os ideais franciscanos e começa a identificar-se com os mesmos. Uns anos mais tarde, em fevereiro de 1220, chega a Coimbra a notícia assombrosa de que cinco frades franciscanos que tinham estado nessa mesma cidade uns meses antes teriam sido executados em Marrocos por espalharem a mensagem de Cristo e por tentarem fazê-la chegar aos muçulmanos, segundo o espírito de S. Francisco. É de salientar que por esta altura, o monarca marroquino, Abu Yacub Yusuf II tinha algum receio relativamente à propagação do cristianismo no seu território, porque havia uma certa instabilidade político-doutrinal que se fazia sentir. Este acontecimento foi decisivo para a decisão do jovem cónego Fernando: “*desejou, sendo frade franciscano, viver a vida mais austera e penitente, imitando a paixão de Cristo, a quem desejava seguir o mais de perto possível, e proporcionar-se também o mesmo itinerário, sendo destinado pregar aos infieis, martyr como eles, dando assim a seu redentor vida por vida já que algo lhe não podia dar*” (AZEVEDO, 1909: 28). De facto, a profissão canonical que ele exercia em Santa Cruz, consagrada principalmente pelo estudo intensivo à leitura da palavra de Deus e à assistência pastoral para quem os procurasse, parecia-lhe uma forma demasiado passiva de melhorar o reino de Deus

³ Denomina-se ermida aos complexos clericais construídos no topo de um monte ermo, longe da urbe e num local silencioso. Também pode ser chamado de eremitério, ermitão, eremita.

e de seguir o seu chamamento. “*Apesar de Dom Fernando Martins ser um intelectual nato, dotado duma memória de códice e duma inteligência excecional, rodeado de mestres nacionais e estrangeiros escolhidos a dedo e tendo a seu alcance uma biblioteca bem sortida*”, Fernando decide associar-se aos frades menores. “*E para deixar o ambiente de Coimbra, põe como condição ser enviado para terra de sarracenos. Satisfeita a sua vontade, troca a rica cogula dos agostinhos pela pobre estamemha franciscana e o seu nome pelo de Frei António, por homenagem ao padroeiro do ermitério de Santo Antão (em latim Antonius)*” (REMA, 2016: 14).⁴

3.1.4. O desejo de martírio: chegada a Itália – de Marrocos à Sicília

Após o pedido de transferência do Mosteiro de Santa Cruz e a vontade de deixar a ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho ter sido aprovada pelo reitor da mesma ordem, Fernando é acolhido, como já foi anteriormente referido, na ermida de Santo Antão dos Olivais, também em Coimbra. Procura mostrar-se um homem mais simples, dissimulando a rara sabedoria, e para esquecer tudo quanto tinha do mundo e ocultar-se debaixo de outro nome de modo a que não houvesse jamais importunações dos familiares e amigos que, ainda que menos frequentes, permaneciam na sua vida. Escolhe o nome António em honra do patrono da ermida onde agora vive, Santo Antão abade, que o inspira: ainda que vivesse num instituto com um modo de vida isolado, “*nem por isso deixava de sair do deserto a pregar a fé, quando convinha à glória de Deus*” (AZEVEDO, 1909:30).

Permanece nessa ermida pouco tempo, e em dezembro de 1220, poucos meses após ter ingressado na ordem dos franciscanos, viu o seu desejo ser concretizado: podia agora ir para Marrocos – local onde os cinco mártires que o inspiraram foram brutalmente executados – para poder, também ele, espalhar a palavra de Cristo aos hereges e, por Ele, morrer. Partiu com um companheiro franciscano, Filipe

⁴ A forma latina de Antão é Antonius, e é com esta forma que os espanhóis e italianos o designam, e com a de Antoine os franceses. O nosso Santo, quando começou a evangelizar em Itália já era chamado de Antonio, e o seu nome voltou a Portugal já depois da sua canonização desta mesma forma. Ao que parece, Santo António terá sido dos primeiros a mudar de nome entrando em religião (AZEVEDO, 1909: 30).

espanhol, porque normalmente, viajavam sempre aos pares e que, como ele, também desejava morrer por Cristo. No entanto, pouco tempo após ter chegado às terras de sarracenos, adoece e vê-se obrigado a regressar. “*Não era, porém, a África, o lugar destinado pela Providência Divina para o Apostolado de António, nem para o martírio de nenhum dos dois. Efetivamente, assim que ali chegaram logo António adoeceu com febres intensas, que o afligiram durante todo o inverno*” (AZEVEDO, 1909: 32). Após o terrível inverno, foi-lhes pedido pelo provincial que regressassem para que pudessem ser devidamente tratados. Apesar de triste pelo seu destino, António conformou-se com a sua condição e aguarda pacientemente pelos dias que virão. Segundo a *Legenda Prima*, uma tempestade levantou-se e arrastou a embarcação para as costas da Sicília, na Itália (GANHO, 2007: 9). Quando desembarcam, António e Filipe acabam por se dirigir ao Capítulo das Esteiras⁵, em Assis, que reuniu grande parte dos frades franciscanos provenientes de toda a Europa, a fim de se encontrarem com o próprio São Francisco. Santo António teria, por esta altura, 30 anos e, apesar de terem estado no mesmo capítulo, ele e São Francisco, não terão interagido, como alguns estudiosos defendem. António era um desconhecido e simples frade menor e, mal acaba o Capítulo, vai com os seus companheiros para Monte Paulo, um lugar ermo e distante, onde leva uma vida muito simples e dedicada à oração e à reflexão, e onde a interajuda entre frades é um fator fundamental.

Uns anos mais tarde, em 1222, é convidado para pregar num lugar ali perto, mais concretamente em Forli, onde iam acontecer ordenações sacerdotais. Aí revela o seu conhecimento e o seu destacável dom da palavra, que o distinguiriam como pregador: “*fez um sermão tão perfeito, tão cheio de textos da Sagrada Escritura, e Santos padres, tão passado de unção, de modéstia, de afectos, de ardor de caridade, e disse-o com tal voz, expressões e graça d'accionado que os religiosos admirados exclamaram que nunca tinham ouvido sermão nem pregador que lhe igualasse*” (AZEVEDO, 1909: 36). Este será um determinante ponto de viragem na vida de António. Até então, era um simples frade menor, desconhecido de todos. Agora,

⁵ “*Realizado no dia 30 de maio de 1221, por ocasião da Páscoa do Espírito Santo. (...) As sessões eram presididas por fr. Elias, a cujos pés se sentava S. Francisco, que lhe puxava pelo hábito quando tinha alguma cousa que dizer a seus irmãos.*” (AZEVEDO, 1909: 22).

devido ao seu conhecimento apurado e ao seu dom de pregar, destaca-se e acaba por ser reconhecido por muitos, de tal forma que “*podemos afirmar com segurança que começa aqui a sua vida pública*” (GANHO, 2007: 9). Note-se que, até então a ordem dos franciscanos não possuía qualquer biblioteca ou mestre. Assim, António é o primeiro mestre de Teologia desta mesma ordem, a mando de S. Francisco em 1223.

3.1.5. Santo António, pregador – as viagens por Itália e França

António e S. Francisco cruzaram-se uma vez, como foi anteriormente descrito, no capítulo das Esteiras. No entanto, quando António se começa a distinguir pelos seus conhecimentos, S. Francisco escreve-lhe uma carta:

*A meu caríssimo irmão António, fr. Francisco saúda.
Desejo que interpreteis a sagrada theologia aos frades, com a
condição de que nem vós nem elles perca o espírito da Santa Oração,
conforme a regra que professamos. Saúde⁶.*

É de salientar que S. Francisco era contra o saber teológico, note-se que até então nenhum franciscano tinha conhecimentos da sagrada escritura, pelo que é concedido a António a possibilidade de ensinar aquilo que sabia, que tinha aprendido em São Vicente e Santa Cruz com os cónegos regantes de Santo Agostinho, e que permanecia guardado na sua memória.⁷

Por esta altura, António é destacado para uma missão, ainda que diferente daquela que ele inicialmente desejaria, que tinha como objetivo combater os

⁶ Aquando do Quarto Concílio de Latrão, realizado em 1215, foi analisada a questão que condenava como heréticos os movimentos voltados para a pobreza e que, para além disso, não possuíam regra escrita como outras, chegando muitas vezes a ser comparada com os hereges. Só depois deste acontecimento é que “*Francisco de Assis decide finalmente formalizar uma regra definitiva para os seus seguidores e faz convocar o concílio geral de 1221 para apresentá-la*” (NUNO, 2008: 132).

⁷ Quando Santo António ingressa na ordem dos franciscanos, ainda em Portugal, não leva consigo os livros que marcam o seu crescimento espiritual e intelectual, quando ainda em Santa Cruz de Coimbra. No entanto, por lá ter estado por muitos anos, adquiriu um enorme conhecimento que nunca viria a esquecer, o que marcou e muito a sua passagem pela ordem dos frades menores.

hereses, nomeadamente os cátaros e albigenses, não só em Itália mas também no Sul de França. É outro tipo de missão, de facto, porque não corre o risco de ser martirizado como acontecia em Marrocos. Note-se que nesta tentativa de converter os descrentes, António mantém-se fiel ao que acima foi descrito, de tentar cativar apenas através da palavra de Deus, sem qualquer recurso à violência física ou verbal, de uma forma suave mas simultaneamente persistente.⁸ É nesta tentativa de conversão de hereges que acontece um dos primeiros milagres de Santo António, e talvez o mais conhecido de todos. Quando tentava pregar àqueles que se encontravam na rua, na cidade de Arimino, foi ignorado. Desta forma, dirige-se para perto do mar e começa a pregar aos peixes, gritando: “*Animais brutos, que estais no mais fundo destes pérgos, já que os homens racionais são doidos, rudos e cegos, quer Deus que vós não sejais. Já que os humanos nascidos fecham à palavra divina seus maus e ingratos ouvidos, vinde vós, peixes queridos, ouvir a santa doutrina*” (LOPES, 1868: 60) e assim prosseguiu a sua pregação. Os homens que tinham tapado seus ouvidos, resistindo à pregação da palavra divina, imediatamente correram para ouvir também e para assistir àquele milagre dos peixes. Assim, o santo exclamou: “*bendito seja Deus, que é mais honrado dos peixes que dos homens hereges e infiéis. Poucos houve, que em presença de um milagre tão manifesto e inaudito não derramassem lágrimas de maravilhados e compungidos*” (AZEVEDO, 1909: 47).

Em 1231, a saúde de António encontra-se já bastante débil, sentindo-o ainda mais por ter uma vida bastante esgotante por estar mais exposto e ter um contacto mais permanente com o público, contrariando a vida que levava em Santa Cruz, ainda cónego regente de Santo Agostinho. Com uma necessidade extrema de descansar, decide recolher-se na casa do conde Tiso, em Campo de Sampiero, onde é construída uma valência de raiz, com o fim de o acolher. Em junho, António sente que a morte está perto e pede, portanto, para que o levem para Pádua, a fim de que lá possa ser sepultado. Acaba por falecer pelo caminho, em Arcela, sendo posteriormente sepultado em Pádua, conforme o seu desejo, e a sua morte tem um

⁸ Esta marca de persistência em Santo António faz com que ele seja muitas vezes conhecido como o “martelo dos heréticos”, devido à sua grande capacidade de persuasão (GANHO, 2007: 10)

impacto enorme na sociedade: “*as crianças da cidade correm pelas ruas anunciando ‘morreu o Padre Santo’*” (GANHO, 2007: 10).

3.2. Santo António, padroeiro de Lisboa

“Na implantação do culto de Santo António em Lisboa concorreram a Ordem Franciscana que, quando da morte do Santo (13 de Junho de 1231) e da sua canonização (30 de Maio de 1232), já tinha importante casa conventual, desde 1217, no Monte Fragoso; a Coroa que, desde cedo, encontramos apoiando e incentivando este culto; o Senado da Câmara, que logo deve ter reclamado ser Lisboa a pátria do tão ilustre filho; mas coube principalmente ao povo de Lisboa, ter recriado um culto próprio, à medida das suas necessidades, enriquecendo o Santo dos novos atributos e o culto de novas práticas, ao ponto de com ele se identificar. Santo António e Lisboa e Lisboa e Santo António, andaram assim, sempre, intimamente ligados” (MOITA, 1990: 23).

De facto, a tradição da devoção a Santo António adquire em todo o mundo, e de uma forma particular em Portugal, propriedades únicas. Note-se que até ao século XV, o culto antoniano se cingia unicamente a Pádua, cidade onde o Santo morreu e onde está sepultado, na Basílica que lhe presta homenagem, e a Lisboa, cidade que o viu nascer e que, desde 1255, ostenta uma capela em sua adoração, no local onde o Santo terá vivido com seus pais. Santo António, pela sua importância na cidade, é inquestionavelmente um dos protetores da cidade, pelo que inúmeras representações suas erguiam-se nas mais variadas entradas da cidade. Mais tarde, “*a elevação da capela de Santo António a igreja por acção de D. João II e D. Manuel I, coincidindo com a chegada a Lisboa de uma nova relíquia do Santo, será acompanhada por um enorme incremento do culto, e Santo António torna-se o santo nacional dos portugueses, que passam a dedicar-lhe as suas igrejas no estrangeiro atribuindo-lhes o seu nome*” (PEREIRA, 2016: 91).

Por fim, Santo António faz parte integrante de um património próprio, simultaneamente religioso e cultural, arquivado na memória e na tradição portuguesas, cuja presença se expressa de inúmeras maneiras, não só pela devoção

que se presta ao Santo, mas também pelas festas em sua honra nos vários pontos do país e até um pouco por todo o mundo (GOMES e DÂMASO: 1).

3.2.1. A tradição popular

Para além de protetor da cidade, Santo António passou a ser também protetor das casas e das famílias. Sempre que acontecia algo de mais dificuldade ou aflição “*era reclamado o milagreiro Santo, tendo-se banalizado, por tão repetida a exclamação «Valha-me Santo António»*” (MOITA, 1990: 28). É de tal forma próximo dos Portugueses, mas dos lisboetas em particular, que é comumente chamado de Santo Antoninho. Faz-se presente não só nas casas, mas em cada pequeno negócio (como tabernas, casas de pasto, leitarias, drogarias) com o intuito de o proteger e auxiliar nos bons negócios, colocando-se a sua imagem em local de destaque. Por outro lado, também os marinheiros do Tejo tinham por hábito pintar a figura de Santo António na proa de seus barcos, ou simplesmente a sua invocação, “*fazendo-se acompanhar muitas vezes de uma imagem do Santo que mergulhavam nas águas de cabeça para baixo*” (MOITA, 1990: 28), para ele atendessem rapidamente aos seus pedidos. É também tradicionalmente considerado advogado das almas do purgatório e protetor do amor e do casamento. Em Lisboa, este último é particularmente sentido nomeadamente em junho, mês em que se celebram as festas da cidade que têm como centro o dia 13, dia de Santo António, e a véspera, dia 12, onde se celebram os casamentos de Santo António e decorrem as marchas populares. De facto, “*o mês de junho marca o solstício de verão e muitas reminiscências pagãs dos rituais associados a um novo ciclo de vida onde a fecundidade e as colheitas, ecos de divindade e as colheitas, ecos de divindades ancestrais, se transmutam em festa devocional*” (MIRANDA, 2006: 107). A faceta casamenteira deste Santo transfigura-se numa imagem bastante jovial e leviana.

Santo António é adorado pelo povo que, de muitas formas, acaba por lhe prestar culto, de tal modo que muitas vezes o sacro e o profano se misturam. À tradição, está fortemente associado o poder da oração a que se recorre quando se precisa que este nosso santo tão multifacetado nos ajude. De facto, são inúmeras as facetas de António: procura as coisas perdidas, é doutor da Igreja e convence os

mais incrédulos e os hereges, é casamenteiro e ainda protege o gado⁹ (ESPÍRITO SANTO, 1988: 181). Muitas vezes, estes atributos e tradições são passados por via oral, mas que obedece a certas “*estruturas “fixas” que podem ser orações, resposos, romances quadras, que têm diferentes carácteres, seja desde o utilitário (como a recuperação de objectos perdidos) até ao lúdico (nas quadras para cantar nas Marchas Populares, por exemplo)*” (GOMES e DÂMASO: 2). Há também o hábito de, consoante o local, associar um ritual a cada tipo de oração. Por exemplo, a tradição de se rezar o responso a Santo António, repetindo três vezes, sem enganos, porque, se se enganar, o pedido não se realiza.

No entanto, a questão que se coloca é: porquê recorrer sempre a Santo António? Porque, como constata Padre António Vieira, a tradição acaba por gerar um recurso abusivo à figura de Santo António, sobrecarregando-o com assuntos que com ele nada estão relacionados, acabando muitas vezes por chantagear a sua figura de uma forma exagerada e pouco simpática: “*Se vos adoecer o filho, Santo António; se vos foge o escravo, Santo António; se mandais a encomenda, Santo António; se esperais o retorno, Santo António; se requereis o despacho, Santo António; se aguardais a sentença, Santo António; se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo António; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo António*” (VIEIRA, 1959: 242).

⁹ Note-se que muitos destes atributos são muitas vezes atribuídos a Santo António, mas muitas vezes são qualidades de outros santos com nomes e/ou histórias idênticas à sua.

3.2.3 A tradição erudita e religiosa

O culto Antoniano difundiu-se não só em Itália e Portugal, mas em todo o mundo. De facto, como defende Leão XIII, é santo de Portugal, mas também de todo o mundo. Em Portugal, a sua devoção desenvolve-se nas mais variadas classes sociais, das mais nobres às mais pobres e populares, de uma forma bastante pujante desde os tempos mais remotos. Note-se que, desde logo, a família real portuguesa teve uma enorme ligação a este santo: foi por ordem do rei D. João II que se construiu a Real Casa de Santo António, construção concluída no reinado de D. Manuel I, e recorde-se que a majestosa basílica de Mafra tem como patrono Santo António.¹⁰ Esta devoção real acentuou-se no reinado de D. Afonso V, monarca que reza a Santo António para proteger os navegadores que se dirigem ao Norte de África e que manda edificar o Convento do Varatojo,¹¹ em Torres Vedras, em sua honra. No entanto, é na Igreja (ou Real Casa) de Santo António que se concentra o polo não só catalisador, mas também de divulgação do culto de Santo António em Portugal. Note-se que *“se faziam na igreja várias festividades, a principal das quais era e é ainda a de Santo António no dia 13 de junho, à qual e às suas vésperas era costume assistir Sua Majestade. Não podemos por esta ocasião deixar de mencionar a usança antiquíssima em que o Senado estava de presentear nesses dias a El Rei e às pessoas reais com “ramalhetes” na véspera e, com “bolos” e “medidas” no dia da função”* (Cf. Lisboa, 1670: 164).

O dia de Santo António celebra-se no dia da sua morte, 13 de junho, como já foi referido anteriormente. É o dia festivo, associado à tradição religiosa, mais importante relacionado com este santo. Em Portugal, este dia é particularmente querido por todos. Como se sabe, Santo António é um dos três santos populares celebrados no mês de junho, juntamente com São João e São Pedro. É a primeira das três festas e celebra-se por todo o país, no entanto, de uma forma mais

¹⁰ D. João V não tinha ainda tido filhos e, vendo os anos passar, decide rezar a Santo António pedindo-lhe que lhe concedesse o dom da paternidade. Pouco tempo depois, foi pai. Desta forma, mandou erguer o Palácio e Basílica de Mafra como forma de agradecer esta graça.

¹¹ Este Convento terá sido o pioneiro na espiritualidade Antoniana e franciscana na zona oeste de Portugal.

significativa em determinados municípios¹². Mas é na cidade de Lisboa que se vive intensamente a festa de Santo António, que decorre nos dias 12 e 13 de junho.

Outra data consideravelmente importante é a data de canonização de Santo António. Frei António foi proclamado santo no dia 30 de maio de 1232, pelo papa Gregório IX, menos de um ano após a sua morte. Este processo terá sido um dos mais rápidos deste tipo na história da Igreja. “*O reconhecimento precoce deste cunho taumatúrgico, tanto pela Igreja como pela população em geral, faz emergir um movimento piedoso de invulgar grandeza, fortalecido pela edificação – e respetivo culto – da Basílica d’O Santo em Pádua*” (AMORIM, 2016: 58). Segundo estudiosos e biógrafos, quando fazem a transladação do seu corpo, no ano de 1263, é feita uma descoberta inacreditável, um verdadeiro milagre: a sua língua restava incorrupta e, segundo defende a tradição, se terá mantido assim por demonstrar as principais características do santo. Hoje, é a principal relíquia de Santo António.

O dia da transladação, 15 de fevereiro, é também bastante valorizado, bem como o 15 de agosto, dia do seu nascimento. Estas são as datas mais valorizadas, no que toca à tradição mais erudita e religiosa. A elas estão associados cultos de devoção antoniana, onde a Palavra e a taumaturgia e os sermões e os prodígios são consideravelmente valorizados e destacados.

3.3. Iconografia

Santo António é uma das figuras religiosas de mais destaque em todo o mundo. Representado nas mais variadas tipologias de peças, como pinturas, gravuras, azulejos, estatuária, entre outros, apresenta atributos que o distinguem e que “*permite que se capte e compreenda quem foi Santo António*” (GANHO, 2016: 23). Os primeiros relatos da figura de Santo António, realizados aquando do seu processo de canonização, descrevem-no como sendo de baixa estatura, pele escura e corpulento, embora a sua imagem, desenvolvida ao longo dos tempos, seja

¹² Dia 13 de Junho, dia de Santo António, é feriado municipal em Lisboa, mas também Aljustrel, Alvaiázere, Amares, Cascais, Estarreja, Ferreira do Zêzere, Proença-a-Nova, Reguengos de Monsaraz, Vale de Cambra, Vila Nova da Barquinha, Vila Nova de Famalicão, Vila Real e Vila Verde.

assumidamente marcada e manipulada pela iconografia de Santo Antão e S. Francisco de Assis, a que se junta a intervenção dos grandes divulgadores da sua obra. Assim, na maioria das vezes, Santo António surge representado como um homem esbelto e de estatura magra, algumas vezes com o cabelo aloirado, à semelhança de S. Francisco. O que o distingue, fisicamente, é o facto de geralmente não apresentar barba.

A figura de Santo António é geralmente representada com um aspeto tranquilo e sereno, de idade jovem, e que transpira espiritualidade. Apresenta a sua auréola de Santo e o traje de frade franciscano, podendo também aparecer vestido com os paramentos de Menino de Coro ou Cónego Regrante de Santo Agostinho. Desta maneira, através das suas representações, é possível acompanhar o seu percurso de vida, desde os tempos de menino do coro, na Sé de Lisboa, ou de cónego regrante de Santo Agostinho e, posteriormente, de Frade Franciscano. As imagens que subsistem dos primeiros acontecimentos da sua vida, de menino do coro e de Cónego Regrante de Santo Agostinho, são de número bastante reduzido. De facto, o que predomina é a figura do franciscano Frei António, representado com o seu humilde hábito castanho ou cinzento cingido na cintura com o cordão de três nós e sandálias, que encaixam com o seu voto de pobreza, característico desta ordem. Algumas vezes, Frei António atinge desde logo uma importância tal que é representado ao lado do fundador da ordem, S. Francisco de Assis e, a seguir a ele, é a figura franciscana com mais relevância.

Assim, não é o hábito franciscano que distingue a figura de Santo António dos outros franciscanos. Distingue-o os inúmeros que apresenta e que permitem a quem observa que o distinga logo de outros santos. Esses atributos têm como finalidade dar a conhecer determinadas facetas da vida do Santo. Assim, pode-se considerar que os símbolos a ele atribuídos são cinco: o livro, o Menino Jesus, a açucena, a cruz e o saco, sendo que na maior parte das imagens não surgem representados os cinco em simultâneo.

O Livro será o símbolo mais antigo associado à representação da figura de Santo António, remetendo ao saber do santo que, por ter frequentado a ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, estudou e aprofundou imensamente o seu saber teológico, de tal modo que no Prólogo Geral aos seus Sermões Dominicais

refere “*que não conhece as letras quem ignora as Sagradas Escrituras*” (GANHO, 2016:24), e está também associado à sua caracterização de Doutor da Igreja. O Livro é, pois, a Bíblia, livro que guia os cristãos e que transmite a palavra de Deus.

A presença do Menino Jesus nas representações da figura de Santo António começa a desenvolver-se a partir do século XVI e tem vindo a ser cada vez mais difundida. Simbolicamente, pretende representar o amor que António tem a Deus Menino, de tal forma que surge representado maioritariamente ao colo, mas surge também junto ao coração e, por vezes, até dentro do coração, enaltecendo a devoção que a Ele tinha. Esta presença do menino Jesus nas representações do Santo relata também uma lenda, comumente tratada até como milagre, onde o frei António, já no final da sua vida, retira-se para a casa do Conde Tiso, em Camposampiero, e surge-lhe o Menino Jesus, como reconhecimento do seu grande amor por Cristo Menino e pelas crianças que lhe abeiravam (GANHO, 2016: 25). Surge, assim, a denominação de Santo António como o Santo do Menino Jesus, pela representação imagética muito forte, que se irá tornar fundamental. O livro e o menino Jesus acabam por se aliar numa representação que evoca não só o Santo Doutor da Igreja, mas também o Santo de cariz mais popular.

A açucena ou o lírio também são muitas vezes associadas à figura de António. Este símbolo remete à pureza e ao voto de castidade do santo, pretendendo evidenciar uma das características que, desde muito cedo, marcou a vida do jovem Fernando quando decide ingressar no convento de S. Vicente.

Por outro lado, a cruz assinala o Cristocentrismo vivido pelos franciscanos, ao qual António se propôs seguir, valorizando a figura de Jesus Cristo na sua pobreza e humildade de Deus, que encarnou e se tornou homem.

Por fim, surgem por vezes as representações de Santo António com um saco de pão, associado à sua preocupação pelos mais pobres e humildes, que não é tão comum e que, muitas vezes, surge em imagens que representam todos os símbolos do Santo.

Por outro lado, existe uma outra iconografia associada ao Santo António, menos comum, mas que não deve ser esquecida: a de Santo António Militar. Desde o século XVII que a figura de Santo António começa a ter um significado considerável no campo militar. Protegido pela família real e apreciado pelo povo, Santo António

começa a ser “trabalhador” do Reino, sendo progressivamente enaltecido, tendo pois vários cargos na sua carreira militar. Pensa-se que terá iniciado o seu serviço militar em 1665, quando D. Afonso VI ordenou que Santo António “*fosse alistado ao Exército como seu patrono, e que lhe fosse pago o respetivo soldo*” (AAVV, 2016: 35) e a sua presença foi fundamental nos confrontos com as tropas espanholas. Os seus feitos no exército foram ganhando importância e em 1733 foi promovido a capitão, a mando do rei D. João V. Anos mais tarde, em 1814, atinge a graduação de tenente-coronel, que ainda dispõe atualmente. O culto a Santo António militar desenvolve-se no sul do país, mais concretamente em Lagos, e é trazido e incorporado no Regimento de Infantaria nº 19 de Cascais. Nas representações de Santo António Militar, podemos encontrar o habitual traje franciscano, mas por cima uma faixa do exército, um chapéu de cavaleiro e, por vezes, uma espada. Pode surgir também representado a montar um cavalo. Esta representação não é das mais comuns, mas demonstra a importância deste santo que passa a ser patrono e protetor no Exército Português e, conseqüentemente, do próprio país.

Outra representação que também não podemos deixar de referir é o Toni Malau ou o Santo António da Boa-Sorte. Este tipo de representação era executado no Congo, era em marfim e de pequenas dimensões, e tinha uma função de amuleto protetor dos combatentes, que muitas vezes o levavam ao peito para estarem sempre protegidos. Atualmente, são peças raras de se encontrar e, quando se encontram, muitas vezes têm marcas de uso. Isto significa que o dono desta peça provavelmente se magoou em combate, e a marca de uso seria o local da sua ferida, que seria esfregada para que Santo António intercedesse em seu favor, para que o curasse rapidamente. Surgem raramente em mercado e, quando aparecem, apresentam valores muito elevados, não só pelo material em que são produzidos, mas por serem efetivamente peças muito raras.

4. Santo António no mercado da arte lisboeta

A figura de Santo António em Portugal tem uma importância inquestionável. Em Lisboa, no entanto, esta importância atinge dimensões ainda mais consideráveis por ter sido nesta cidade que o santo nasceu e cresceu, junto à Sé de Lisboa, até aos seus 15-18 anos de idade. Note-se que Fernando de Bulhões nasceu nesta mesma cidade e, apesar de não ser o padroeiro da diocese, é considerado por muitos como o principal padroeiro da cidade de Lisboa, o que muitas vezes cria alguma controvérsia. Ainda assim, no Diretório Litúrgico, editado pelo Secretariado Nacional de Liturgia, a festividade de Santo António, no dia 13 de junho, é descrita da seguinte maneira: “*No Patriarcado de Lisboa – S. António de Lisboa, padroeiro principal da cidade de Lisboa*” (AAVV, 2017: 121). Não só por isso, Santo António é reconhecido e querido por todos quantos ajuda, portugueses ou não, crentes e/ou não crentes, devotos e menos devotos. Mantém-se vivo na cidade e no mundo.

Ora, nos mercados da arte esta questão sente-se fortemente. A procura de representações da figura de Santo António é uma realidade, sendo que a nossa intenção foi realizar um estudo para perceber que tipologias são mais procuradas, que tipo de clientes as procuram, se colecionadores ou simplesmente pessoas devotas que apreciam ter uma figura de Santo António em casa para as proteger. Para este estudo, cingimo-nos ao estudo de leiloeiras e antiquários da cidade de Lisboa.

A análise que efetuámos incidiu apenas sobre os últimos anos, mas foi suficiente para apurar alguns números e poder tirar algumas conclusões. Conseguimos inquirir alguns dos agentes, o que nos permitiu obter um conjunto de comentários sobre o que acontece nos mercados, quem são os compradores e porque procuram este tipo de peças com a representação de Santo António. Por outro lado, este estudo permitiu também concluir que Santo António tem um impacto significativo em Lisboa, tornando-o mais procurado que outros santos.

Antes de mais, importa dizer que as realidades das leiloeiras e dos antiquários são bastante diferentes e, neste caso concreto, acaba por se sentir consideravelmente. Isto porque fomos à procura de antiquários especializados em arte sacra, contactando Ricardo Hogan e a Galeria da Arcada, na Rua D. Pedro V,

verificando que a procura de objetos nas suas lojas é bastante diferente da procura numa leiloeira. Normalmente, a venda de objetos nestes antiquários é pensada com mais tempo, o cliente que se desloca a estes espaços com o intuito de comprar pode pensar durante muito tempo no assunto. No leilão, porém, acaba por ser tudo mais rápido e a compra realiza-se no momento ou não se realiza.

Por outro lado, a questão central deste estudo, que consiste em analisar relevância da figura de Santo António no mercado da arte, em particular no mercado da arte sacra, é particularmente óbvia quando se visita uma leiloeira ou um antiquário. Sem contar com as representações da Sagrada Família, de Cristo e de Nossa Senhora, a figura de Santo António é a que mais aparece e uma das representações mais procuradas pelos clientes.

4.1. Tipologias

As tipologias de imagens que mais surgem no mercado da arte lisboeta são incontestavelmente as esculturas. Figuras de Santo António com o Menino, franciscano ou menino do coro, e que vão a leilão ou estão expostas nos antiquários são geralmente esculturas de pequenas dimensões, sendo aquelas que os potenciais compradores mais procuram. Surgem também pinturas, mas em menor volume e muito menos constantemente. Poderemos perceber isso ao longo das entrevistas aos agentes: não há qualquer tipologia que seja equiparável à escultura.

Se analisarmos os números do levantamento executado, podemos perceber rapidamente que dos 172 artigos que analisamos e que poderemos ver nas tabelas abaixo (no fundo, o total dos objetos presentes nas tabelas 4.1, 1.2 e 4.3), 116 objetos presentes em leilão eram esculturas – dos mais variados tipos, como escultura em prata ou escultura de roca, entre outras. Por outro lado, a tipologia que mais surgiu de seguida surge com uma dimensão muito inferior: as pinturas (sejam óleos sobre tela, retábulos, etc) que surgiram foram apenas 38.

Dos números restantes, podemos encontrar objetos como livros sobre esta temática ou até mesmo os Sermões de Santo António do Padre António Vieira, pequenos pendentos, objetos em biscuit ou em prata, copos e até faiança. Aparecem muito raramente e são objetos muito menos comuns.

De facto, a escultura é a tipologia mais comum, que existe em maior volume e também a que é mais procurada por quem tem interesse em comprar. Muitas vezes, as pessoas que se interessam por este tipo de objetos procuram pequenas esculturas que sejam características de um determinado santo de devoção ou apenas que sejam apelativos esteticamente, porque muitas vezes são adquiridos para depois oferecer.

4.2. Análise dos dados

A análise dos dados foi feita através da recolha de dados de leilões entre 2014 e 2017, disponíveis *online* no caso das leiloeiras, mas também através de entrevistas feitas aos agentes de mercado, fossem eles leiloeiros ou antiquários. Note-se que entrevistámos quatro indivíduos, três antiquários e um leiloeiro, por não termos conseguido obter respostas de mais agentes. No entanto, e apesar de algumas restrições, todas as informações que conseguimos apurar são bastante claras e ilustram bem o que pretendemos apurar ao longo deste estudo.

É importante sublinhar que a análise feita de seguida é relativa à realidade dos leilões, tratando-se do caso dos antiquários apenas de seguida. Da pesquisa efectuada, encontrámos 172 peças leiloadas com esta temática entre os leilões presenciais. Com efeito, após uma procura de peças deste tema em leilões *online*, verificámos que havia um menor interesse por imagens de Santo António, com um maior volume de objetos retirado. De uma maneira geral, essas imagens diziam respeito, maioritariamente, a peças de artesanato comum e a peças da Vista Alegre. Desta maneira, podemos dizer que nos leilões em Lisboa, nomeadamente nos da Veritas, Cabral Moncada Leilões e Palácio do Correio Velho, objetos relacionados com a temática antoniana surgem com alguma regularidade.

Inicialmente, o que considerámos fundamental apurar foi saber se, de todo este levantamento, as peças com esta temática foram vendidos e, em caso afirmativo, em que quantidade. Foram identificadas no total 172 peças, conforme referido, sendo que 70% foram vendidas e 30% foram retiradas, conforme pode ser verificado nas tabelas que se seguem. Das peças vendidas, 65% acabaram por ser vendidas acima da base/estimativa considerada pela leiloeira. Relativamente às tipologias, sem dúvida que a que surge mais é escultura e, consecutivamente, também é a mais

procurada – 70% das esculturas que vão a leilão são vendidas. Por outro lado, a pintura também aparece algumas vezes, no entanto há uma maior taxa de retirados deste tipo de suporte. Isto pode ter que ver com os preços que surgem, porque como as pinturas são geralmente mais raras e, algumas vezes, com iconografias menos comuns, faz com que muitas vezes a base seja, por si só, bastante elevada. Como afirma Miguel Cabral Moncada ao longo da entrevista que realizámos, acontece muito o comprador querer um tipo de objeto de um valor mais acessível, porque muitas vezes trata-se de um consumidor que quer comprar o objeto para oferecer a um familiar próximo (filho/sogro/pai) chamado António. Portanto, acaba por ser uma compra mais sentimental, por assim dizer, do que propriamente pela qualidade ou relevância da peça. Por outro lado, há muitos consumidores de objetos com esta temática que também são colecionadores, o que pode fazer com que os preços de venda seja algumas vezes superior.

Assim, o preço médio de vendas de esculturas de Santo António é de cerca de 1.000€, isto porque algumas vezes surgem tipologias (como escultura em prata ou escultura de roca) que atingem valores mais elevados. No que respeita à pintura, o preço médio das vendas foi de 2.749€. Note-se que esta média é feita transversalmente às três leiloeiras e os valores apurados também. Outras tipologias com a representação de Santo António que também surgem em leilão, embora menos expressivas, são os livros, as medalhas, as faianças e as gravuras.

De seguida apresentamos três tabelas de três leiloeiras diferentes onde indicamos os lotes constituídos por objetos com a representação de Santo António.

Tabela 4.1. Lotes com a representação de Santo António da Cabral Moncada Leilões

Leilão	Sessão	Data	Lote	Base/Estimativa	Vendido por
159	2ª	03/06/2014	697	1800€/2700€	retirado
			743	200€/300€	400 €
160	1ª	07/07/2014	104	600€/900€	retirado
			112	80€/120€	retirado
			122	300€/450€	retirado
			287	500€/750€	retirado
	2ª	08/07/2014	748s	150€/225€	150 €
3ª	09/07/2014	871	250€/375€	250 €	
161	1ª	22/09/2014	242	1000€/1500€	2 900 €
			335	500€/750€	1 500 €
			352	700€/1050€	800 €
			355	500€/750€	1 100 €
163	1ª	17/11/2014	72	150€/225€	220 €
			93	500€/750€	1 100 €
			367	70€/150€	200 €
			373	700€/1050€	700 €
			374	400€/600€	1 400 €
			379	700€/1050€	1 700 €
	4ª	20/11/2014	1611	80€/120€	80 €
164	1ª	15/12/2014	291	1100€/1650€	1 100 €
	2ª	16/12/2014	603	2500€/3750€	retirado
			616	1200€/1800€	1 200 €
			617	2500€/3750€	2 500 €
			731	1000€/1500€	1 350 €
742	800€/1200€	retirado			
166	2ª	03/03/2014	597	2800€/4200€	4 000 €
			697	1000€/1500€	1 000 €
			698	1000€/1500€	retirado

			702	180€/270€	200 €
			710	300€/450€	300 €
167	2ª	31/03/2015	860	200€/300€	retirado
			869	1000€/1500€	1 000 €
169	2ª	02/06/2015	713	150€/225€	150 €
			720	700€/1050€	1 600 €
			861	400€/600€	1 300 €
			874	1200€/1800€	1 800 €
			876	500€/750€	700 €
			886	800€/1200€	1 250 €
			889	1500€/2500€	1 500 €
			892a	700€/1050€	3 800 €
			954	3000€/4500€	retirado
			969	7000€/10500€	retirado
			978	3000€/4500€	retirado
			974	2200€/3300€	retirado
170	1ª	06/07/2015	335	600€/900€	1 000 €
	2ª	07/07/2015	786	300€/450€	620 €
	3ª	08/07/2015	1005	100€/150€	260 €
			1161	150€/225€	260 €
171	2ª	22/09/2015	563	1200€/1800€	1 500 €
			566	300€/450€	500 €
			685	2100€/3150€	retirado
			698	1540€/2310€	retirado
173	1ª	16/11/2015	201	200€/300€	200 €
174	2ª	15/12/2015	546	1000€/1500€	1 000 €
			717	1600€/2400€	retirado
			719	4000€/6000€	4 000 €
176	1ª	29/02/2016	140	800€/1200€	800 €
			287	2500€/3750€	retirado
			297	800€/1200€	800 €
177	1ª	04/04/2016	90	200€/300€	260 €

			94	450€/675€	450 €
			96	200€/300€	retirado
			465	200€/300€	400 €
	2 ^a	05/04/2016	632	200€/300€	380 €
			789	100€/150€	100 €
			793	60€/90€	60 €
3 ^a	06/04/2016	1434	250€/375€	retirado	
179	1 ^a	30/05/2016	325	200€/300€	200 €
	2 ^a	31/05/2016	465	1200€/1800€	1 200 €
			664	1100€/1650€	retirado
			681	1500€/2250€	retirado
3 ^a	01/06/2016	906	150€/225€	600 €	
180	1 ^a	11/07/2016	374	250€/375€	420 €
			381	400€/600€	420 €
	2 ^a	12/07/2016	886	100€/150€	220 €
181	1 ^a	26/09/2016	206	1500€/2250€	retirado
			208	400€/600€	620 €
	2 ^a	27/09/2016	519	1000€/1500€	2 200 €
183	3 ^a	16/11/2016	1246	220€/330€	220 €
184	2 ^a	13/12/2016	490	1500€/2250€	retirado
			491	2000€/3000€	retirado
			505	2800€/4200€	retirado
			514	2000€/3000€	2 000 €
185	2 ^a	14/02/2017	674	300€/450€	300 €
			685	250€/375€	250 €
186	2 ^a	14/03/2017	527	500€/750€	750 €
			573	700€/1050€	700 €
			578	600€/900€	retirado
188	2 ^a	05/06/2017	259	1200€/1800€	retirado
			570	150€/225€	1 100 €
			574	3000€/4500€	3 000 €

			643	500€/750€	500 €
			646	400€/600€	400 €
189	2 ^a	26/09/2017	703	200€/300€	380 €
191	1 ^a	27/11/2017	264	250€/375€	420 €

Tabela 4.2. Lotes com a representação de Santo António. Palácio do Correio Velho

Leilão	Sessão	Data	Lote	Base/Estimativa	Vendido por
293	2 ^a	14/02/19	307	40/60€	80 €
313	2 ^a	14/03/28	589	40/60€	7 €
315	3 ^a	14/05/09	665	10/20€	20 €
322	2 ^a	14/06/26	355	400€/600€	400 €
323	1 ^a	14/07/24	559	200/400€	400 €
	4 ^a	14/07/25	834	50/100€	30 €
324	1 ^a	14/09/24	89	1500/2500€	1 800 €
			93	400/800€	400 €
			165	4000/8000€	retirado
	3 ^a	14/09/26	704	100/200€	130 €
327	1 ^a	14/12/16	95	800/1600€	1 900 €
	2 ^a	14/12/17	319	700/1000€	700 €
			545	2000/4000€	retirado
328	2 ^a	15/01/29	284	200/400€	350 €
329	2 ^a	15/03/12	512	1000/2000€	1 900 €
330	1 ^a	15/04/23	223	15000/30000€	25 000 €
			227	1500/3000€	1 600 €
333	1 ^a	15/05/27	225	800/1600€	800 €
334	1 ^a	15/07/08	210	2000/4000€	2 000 €
335	1 ^a	15/09/22	106	1000/2000€	1 200 €
			107	800/1600€	1 700 €
	2 ^a	15/09/23	470	150/250€	1 100 €
	3 ^a	15/09/24	683	40/80€	retirado

	4 ^a	15/09/25	881	100/200€	100 €
			882	100/200€	180 €
			884	100/200€	100 €
			885	100/200€	120 €
340	2 ^a	15/11/18	396	1000/2000€	retirado
	4 ^a	15/11/20	882	250/500€	600 €
341	1 ^a	16/04/05	142	300/500€	1 100 €
343	1 ^a	16/07/20	41	800/1600€	1 400 €
			199	1200/1800€	1 500 €
344	1 ^a	16/10/12	145	400/800€	750 €
345	2 ^a	16/11/10	359	3500/5000€	3 500 €
347	1 ^a	17/02/08	197	1000/2000€	retirado
	3 ^a	17/02/10	607	150/300€	320 €
			619	80/150€	240 €
350	1 ^a	17/04/06	106	400/800€	400 €
351	1 ^a	17/07/12	97	500/100€	2 800 €
			98	300/600€	1 800 €
			112	100/200€	700 €
			113	250/500€	1 000 €
			128	1500/3000€	3 000 €

Tabela 4.3. Lotes com a representação de Santo António. Veritas.

Leilão	Sessão	Lote	Base/Estimativa	Vendido por
1	30/06/2011	160	600€/900€	retirado
2	29/09/2011	101	1000€/1500€	1 000 €
7	15/03/2012	57	1700€/2200€	retirado
9	04/06/2012	184	500€/800€	500 €
12	18/07/2012	57	45€/90€	retirado
		261	1500€/3000€	2 600 €
26	11/12/2013	3	12000€/15000€	retirado
28	25/02/2014	133	250€/350€	250 €
30	28/04/2014	6	500€/600€	500 €
35	06/10/2014	230	5000€/8000€	retirado
38	09/12/2014	208	1000€/1500€	retirado
		214	2500€/3500€	retirado
		222	1700€/2000€	retirado
43	28/04/2015	109	2500€/3000€	retirado
		113	2000€/2500€	2 000 €
49	12/11/2015	100	15000€/20000€	36 000 €
54	02/03/2016	125	1800€/2300€	retirado
		126	1600€/2200€	1 600 €
		133	4000€/5000€	retirado
57	05/07/2016	366	1200€/1600€	retirado
60	18/10/2016	114	800€/1200€	retirado
		141	300€/400€	retirado
		145	400€/600€	retirado
62	13/12/2016	95	1000€/1500€	1 000 €
63	21/02/2017	209	1700€/2300€	retirado
	22/02/2017	608	500€/700€	retirado
69	27/06/2017	37	5000€/7500€	5 000 €
		310	2000€/3000€	2 000 €
70	11/10/2017	21	400€/600€	460 €

		22	2000€/5000€	retirado
		25	600€/900€	800 €
	12/10/2017	499	600€/900€	950 €
		500	500€/800€	retirado
72	11/12/2017	274	2500€/3000€	3 200 €

A realidade dos antiquários, ainda que diferente, apresenta-se semelhante. Surgem para venda muitos objetos com temática antoniana e o consumidor que a procura tem as mesmas características dos que vão às leiloeiras, mas muitas vezes aparecem mais colecionadores do que primeiros consumidores. Conseguimos apurar que, de facto, a procura por esta figura de Santo António existe e destaca-se de outras figuras de santos. Santo António é a figura de santo mais procurada a seguir a Nossa Senhora e à Sagrada Família, representações que colocámos de lado, desde logo, porque nos interessava fazer a comparação apenas com figuras de santos. As figuras mais procuradas, segundo Miguel Cabral Moncada são São Miguel e Santa Ana e, só depois, Santo António. Para Ricardo Hogan, Santo António e Nossa Senhora estão ao mesmo nível no que respeita à procura. No geral, quem procura adquirir este tipo de objetos são portugueses e a procura não é sazonal, ou seja, não se vendem mais Santos Antónios na altura das festas da cidade, em Junho. Por outro lado, não é comparável com São Vicente – questão que também me interessava compreender, por ser o patrono da diocese de Lisboa – porque é uma figura que quase não aparece no mercado e, quando aparece, não tem tanto impacto.

Santo António acaba por ser uma marca do país e, claro, da cidade de Lisboa. As pessoas provavelmente adquirem mais esta figura porque associam a Santo António este carácter popular e gostam dele maioritariamente por ser português e tão vivo e próximo de todos, ainda hoje. Para os inquiridos, a devoção (religiosa) ao Santo é importante, mas não é fundamental, pela mudança de mentalidade maioritariamente sentida atualmente.

5. Conclusão

Ao estudar este tema foi possível relacionar a importância do Santo mais conhecido e querido da cidade de Lisboa com o afeto e o impacto que ele tem efetivamente na população. O que se pretendia concluir ao longo deste estudo era se Santo António se vendia mais que outras figuras de santos no mercado da arte sacra de Lisboa, por ser quem é. E efetivamente podemos dizer que sim.

Consegue-se perceber que Santo António é procurado por muitas pessoas – Antónios ou não – também por ser português e por ser o santo mais popular da cidade. Outros santos que também têm alguma importância em Lisboa acabam por não surgir tanto (como São Vicente e São Jorge). Santo António, logo a seguir às Sagradas Famílias e a Nossas Senhoras, é a figura sacra mais procurada pelos compradores. Podemos apurar isso através do levantamento que foi feito dos leilões executados, mas também através das entrevistas feitas a vários agentes de mercado, que se disponibilizaram em partilhar a sua experiência e conhecimento.

Entrevista 1. Ricardo Hogan Antiguidades

Dr. Ricardo Hogan, dia 17/10/2017 às 18:00

No Mercado da Arte Nacional, qual a importância da Arte Sacra?

Portugal, por uma questão de tradição, a arte sacra normalmente foi sempre a mais privilegiada ao longo dos séculos, porque era preciso dinheiro para fazer as coisas por artistas e a Igreja tinha muito dinheiro e era, como sabe, uma das classes privilegiadas e como estava difundida um pouco por toda a Europa e bastante bem enraizada, queria até por uma questão catequética, mostrar aos fiéis as coisas que ensinavam: os evangelhos, a vida dos santos, tudo isso. E, portanto, a arte sacra serviu exatamente de suporte a uma grande parte desses ensinamentos. Logicamente que sendo nós um país de tradição católica, eu posso afirmar e creio que não me engano, que a arte portuguesa pelo menos até ao século XVIII foi a arte religiosa. As coisas que haveria que seriam de um cariz mais profano foram muito destruídas pelo terramoto e tudo isso, mas havia muito poucas porque, no fundo, a igreja dominava o mundo artístico.

Voltando à sua pergunta, a arte sacra, por tradição, domina um bocado o gosto português. Há países que eu vejo, pelo interesse que os turistas que entram nas lojas têm, portanto Portugal tem um grande enraizamento na arte sacra, Espanha também, Itália e depois os outros um bocadinho menos, devem achar mais graça por razões diversas, mas enraizamento não. França, por exemplo, ficou muito dessacralizada com a revolução e nunca retomou, tentou-se no início do séc. XIX refazer tudo aquilo que tinha sido destruído, mas já noutros moldes, já nos neoclassicismo mas não ficou enraizado neles como efetivamente noutros países.

Sente que hoje a arte sacra é menos procurada? No seu caso concreto, por ser um Antiquário especializado nesta área, sentiu alguma quebra devido à crise económica que se fez sentir?

A quebra fez-se sentir, obviamente, mas penso que terá sido também uma crise de gosto, não só a crise económica mas também a mudança de gosto muito grande que houve nos últimos anos e que levou para que as pessoas, sobretudo a gente mais nova, não se voltasse para este tipo de coisas. A crise nos antiquários não foi só pela

crise económica mas foi também uma mudança de gosto muito grande. Há 20 anos, eu lembro-me do que se passava aqui na rua (Rua de São Bento), nos anos 90, pessoas a procurarem, gente nova que casava e que queria ter destas coisas nas suas casas. Vinham, compravam primeiro as mobílias, depois compravam uns quadros, depois as loiças, os objetos, e isso desapareceu completamente. E as pessoas hoje em dia, de uma maneira geral, não se interessam em fazer uma casa clássica, podem ter uma peça ou outra mas muitas antiguidades não. Em relação à arte sacra, eu como sou especializado, continuo a ter clientes que procuram, por uma razão ou por outra: para oferecer, para ter, porque querem, uma Igreja que precisa para qualquer coisa, e vêm. Claro que eu senti a crise, continuo a sentir, mas não deixo de ter clientes. E até porque as pessoas que gostam de arte sacra continuaram a gostar, não houve alteração. Continuam a aparecer e a comprar, claro que não é da mesma maneira, mas isso acontece aqui como acontece noutros mercados.

Qual a tipologia de objetos mais vendidos dentro da arte sacra? Pintura, escultura, mobiliário, têxteis, alfaias religiosas, azulejos?

Sobretudo é a escultura. É a escultura, as imagens, e alguma pintura. Mas sobretudo a escultura. Mas também há as talhas de altar, os objetos: tocheiros, jarras de palmitos, que as pessoas gostam de encaixar em casa e que também são procurados. E depois há também os altares pequeninos completos porque em tempos houve o *boom* dos montes do Alentejo e depois vinham comprar os altares pequeninos para pôr e ainda há pessoas que reconstroem capelas e que gostam e querem pôr objetos antigos.

É uma venda constante ou sazonal? Por exemplo, procuram mais na altura do Natal ou em Junho, na altura das festas da cidade?

Eu acho que o que é sazonal são as coisas alusivas ao Natal: os presépios, as figuras de presépio, os menino Jesus, tudo o que tenha a ver com a temática natalícia, isso é sazonal. Começa agora em Outubro, eu ainda não comecei a pôr mas mais uma semana ou duas e vou começar a pôr em evidencia essas coisas que tenho. O Santo António, de vez em quando, por ser a altura do Santo António, as pessoas

estão mais interessadas mas não influencia muito. A única coisa dentro da arte sacra que é assumidamente sazonal são as coisas alusivas ao Natal.

Quem é que normalmente as compra? Privado ou instituições? Colecionadores, devotos ou outras motivações? Nacional ou Estrangeiro?

Há sempre, na grande maioria dos casos, em 70/80% dos casos há uma componente religiosa. As pessoas gostam das coisas pela peça em si, porque é mais bonita, porque é diferente, mas há sempre qualquer coisa que lhes diz que é uma coisa mais pessoal, mais devocional. Não sei se vai perguntar isto mais à frente, mas o Santo António e as figuras de Nossa Senhora são aquilo que mais se vende dentro da arte sacra. São, logicamente, também as mais cotadas porque isto no fundo é um bocado a lei da oferta e da procura. Normalmente, há uma componente religiosa. Depois, há colecionadores de uma infinidade de coisas, se bem que os colecionadores hoje em dia são uma espécie em vias de extinção. Há muito poucos, os que há já são muito velhos e já não compram tanto, têm sempre o “bichinho”, nunca o perdem, mas por já não terem espaço nas suas casas não compram tanto. Tenho uma cliente, por exemplo, completamente laica que tem a casa cheia de arte sacra e adora comprar. Mas por ser arte!

Eu tenho duas lojas, como sabe, nesta loja eu vendo a portugueses e os meus clientes portugueses vêm aqui. Foi a primeira loja, habituaram-se a vir aqui, é mais fácil estacionar, há menos confusão do que na Baixa, eu tenho clientes de anos que nunca foram à outra loja, porque eu também facilito: se o cliente quiser algum objeto que esteja na outra loja, eu trago para cá para ser mais prático. Na outra loja, só tenho estrangeiros, salvo raras exceções. No geral, vendo mais a portugueses (70%).

Considera que a devoção é fundamental para a procura deste tipo de objetos?

Não é fundamental mas ajuda muito.

Quais as representações mais vendidas? (TOP 5 – excluindo Sagradas Famílias e Cristos)

Santo António e Nossa Senhora da Conceição estão par a par. Depois a imagem do Menino Jesus de vestir, muito tradicional em Portugal, mudam-lhe as roupas consoante as épocas litúrgicas, o São Sebastião, a Santa Rita, São João, São José também.

São Vicente aparece muito pouco. Embora o São Vicente seja o padroeiro de Lisboa, aparece uma ou outra de vez em quando mas não é uma imagem que seja muito procurada. Dentro dos santos populares, São João. São Pedro menos.

A quem compra as peças de Arte Sacra que vende no Antiquário? Quais as razões?

Compro em leilões, quando a peça é interessante e está a um valor aceitável para eu depois vender. Aparece muita gente a vir cá vender porque há partilhas: um familiar morreu e vendem para ser mais fácil em termos de partilhas, ou porque não gostam de todo ou então são pessoas que têm necessidades por alguma coisa, às vezes há casos que até doem um bocadinho, porque se percebe que as pessoas estão a vender e faz-lhes imensa pena vender o santo da devoção mas é o último recurso porque têm de pagar alguma coisa ou têm uma doença, uma conta das finanças, e portanto isso também acontece.

Que tipo peças de Arte Sacra são mais frequentes para venda no Antiquário? (peças raras, peças antigas, peças populares)

Eu gosto de ter um bocadinho de tudo dentro desta temática religiosa, que é aquilo que eu vendo. Não é por serem mais ou menos raras. Gosto muito de ter coisas populares porque muitas vezes diz mais às pessoas. Claro que gosto de vender peças boas e ganhar bom dinheiro com isso, sou comerciante. Mas como sou comerciante, gosto daquilo que vendo e que compro e gosto de pensar “porque é que eu estou a comprar? Isto vai-me dar 20€ de lucro”. Mas a verdade é que eu gosto de ter estas coisas. Se olhar em volta, percebe que acho graça em ter.

Considera que a procura pela figura de Santo António é influenciada por estarmos na cidade de Lisboa?

É, sem dúvida. Não só por estarmos na cidade de Lisboa mas por estarmos em Portugal. Porque Santo António, no Norte e no Sul, seja Santo António dos esquecidos no Porto até ao Santo António do Alto em Faro, o Santo António é venerado e muito venerado, tirando as Nossas Senhoras, mas é o Santo que é mais venerado em Portugal. Portanto, é nacional, mas também por estarmos em Lisboa. Por exemplo, há coisas que eu vendo na minha loja da Sé que aqui não vendo, por estar ali ao lado. Provavelmente porque as pessoas saem do Museu ou da Igreja e vêm com o Santo António na cabeça, entram ali e compram algo relacionado com a figura do santo.

Que tipo de iconografia mais surge para ser vendida? Santo António com o menino, Santo António a pregar aos peixes?

Normalmente, em escultura, é sempre Santo António com o menino. Em pé, geralmente, ajoelhado é muito raro (milagre do Menino Jesus). Em pintura aparecem milagres de Santo António, às vezes em retábulo é frequente. Em escultura tive uma vez uma coisa lindíssima que era uma escultura do séc. XVIII, uma peanha em barro com o Milagre da Mula. É muito raro! Milagre de Santo António aos peixes, às vezes surge do séc. XIX ou XX, da zona das Caldas da Rainha, Bordallo Pinheiro, em que o Santo António aparece assim e até tem um aquáriozinho onde as pessoas punham peixes vivos, mas em escultura mais antigas não aparece

Que tipo de peças c/ imagem de Santo António têm maior procura? (pintura, escultura, azulejos...) E qual a iconografia?

Escultura. Azulejos é muito raro. As pessoas procuram mais escultura porque é mais devocional que a pintura.

Entrevista 2. Cabral Moncada Leilões

Prof. Miguel Cabral Moncada, dia 02/10/2017 às 14:30

No Mercado da Arte Nacional, qual a importância da Arte Sacra?

Foi imensa, mas tem vindo paulatinamente a decrescer, por razões muito objetivas e muito claras, que tem a ver com a descristianização de uma parte da sociedade. Há duas gerações, o número de católicos se calhar andava nos 90% e agora não sei quantos anda... 30, 40, 50%... Católicos com práticas com alguma regularidade. O que significa que até há uma ou duas gerações era normalíssimo as pessoas terem em casa objetos de arte sacra: quer objetos que representassem concretamente iconografia de santos (santos da sua invocação, santos dos seus próprios nomes, por aí fora) como terem objetos de arte sacra, mas dessacralizados, portanto, retirados das igrejas: altares, oratórios, mísulas, pianhas, essas coisas todas. Portanto, no mercado da arte a arte sacra teve um peso enorme, inclusive até (bem, até à atualidade ainda tem) aos anos 90 teve alguns comerciantes de peso que praticamente só negociavam em arte sacra, ou quase só em arte sacra, agora ainda tem um ou outro, mas já em fim de carreira, já de bastante idade, estou a pensar no António Miranda e o Ricardo Hogan, que continua essencialmente na Arte Sacra, haverá mais um ou outro e portanto, a arte sacra ou o mercado de arte sacra em Portugal ainda tem muito peso porque ainda há uma parte substancial da população que é católica e que, provavelmente, nas elites isso é ainda mais vincado (ou pelo menos numa parte das elites) por um lado, por outro lado porque há muitos objetos de arte sacra que, pela convivência com eles, dessacralizados, passaram a ser olhados e vistos como objetos de arte. Eu não sei se posso olhar para uma figura de marfim indo portuguesa representando um santo ou uma santa e estar a pensar que é uma escultura de devoção – é uma escultura, num material magnífico e de grande qualidade, dos séc. XVI, XVII ou XVIII. Da mesma maneira que quando estou a olhar para uma pintura extraordinária do séc. XVI ou XVII que representa uma cena bíblica, eu não preciso de ser um religioso ou um católico sequer para a ter, portanto há um bocadinho o reverso, no bom sentido, da medalha que é a dessacralização de uma quantidade imensa de objetos de arte, que levou a que as pessoas olhassem para

eles de uma maneira também não sacralizada. Se calhar, a minha Bisavó olhava para o santinho e o santinho era de facto devoção porque estava no quarto, dentro de um oratório, e ela rezava-lhe e às vezes até se benzia – lembro-me de ver pessoas a benzer quando passava à frente de um oratório - e hoje em dia a escultura está colocada em cima de uma arca ou de uma cómoda na sala como *objet d'art* e já não como significando uma iconografia religiosa. Agora, claramente, o mercado já foi muito mais forte por um lado, por outro lado ele subsiste, continua a existir.

Qual a percentagem de venda no volume de negócio da Cabral Moncada Leilões?

Ora bem, eu não tenho isso apurado assim dessa forma, mas posso-lhe dizer que a percentagem de objetos de arte sacra é significativa porque tem ao nível da pintura, da escultura (muita), mas depois tem ao nível das artes decorativas: ao nível do mobiliário, das pratas, dos metais e dos vidros, das cerâmicas, faianças... há muita coisa de arte sacra! Podemos estar a falar, talvez não fosse um exemplo mau pegar, por exemplo, nos nossos últimos 2, 4, 6 ou 8 leilões de antiguidades e obras de arte e fazer uma espécie de uma estatística – uma coisa fácil de fazer, penso eu, porque está tudo disponível na internet – qual o número percentual de objetos de arte sacra, e de que tipologia: pintura, escultura, etc. O problema aqui é definir o que é arte sacra, porque no fundo é arte que foi religiosa, ou que foi feita com intuítos religiosos. Quando eu olho para uma cena bíblica, completamente profana, como Sodoma e Gomorra, de um pintor português ou de qualquer outro, é tecnicamente um objeto de arte sacra mas aquilo é arte sacra? Alguém olha para aquilo e se lembra que aquilo é uma cena religiosa? Eu acho que já ninguém, quase ninguém... há problemas interessantes...

Arte Sacra foi tudo o que foi produzido com um intuito sacro: para colocar em Igrejas, em capelas, em ambiente sacro ou colocar de forma a ser adorado ou a ser devocional. Um conceito um bocadinho rápido, mas será mais ou menos isto. Continua a ter muito peso em muitas áreas, a pintura e a escultura têm claramente muito peso, mas as pratas também têm, há muita arte sacra em prata... e depois há umas que nós nem sabemos, mobiliário que nós nem sabemos! Por exemplo, a maior parte das credências do séc. XVIII que aparecem no mercado da arte, foram feitas

para Igrejas, por isso é que há tanta quantidade. Nós vamos a Igrejas do séc. XVIII e elas estão lá! Ainda recentemente fiz uma avaliação gigante na Ordem Terceira do Carmo, no Porto, está carregado de credências do melhor que há, sabemos quem fez porque há notas de encomenda, há tudo, e estão lá todas, como aquilo nunca foi tocado permanece lá. Agora imagine com a extinção das Ordens Religiosas e depois com a nacionalização dos bens da Igreja em 1911, isso foi tudo para o mercado e hoje em dia e hoje em dia estão completamente dessacralizadas e muita gente que não é de todo católica que tem isso em casa tranquilamente. Eu tenho colecionadores de primeiro nível nacional, estou a pensar concretamente num exemplo que não lhe posso dar o nome, como é óbvio, que diz “eu não compro uma peça em prata de arte sacra porque acho que não vai valorizar”. Portanto, a naveta que é dos objetos mais bonitos que há em termos de objetos de arte porque foi para levar incenso, então não compra? Repare no problema que surge.

Concluindo, tem peso na Cabral Moncada leilões, tem peso no mercado de arte em Portugal, e tem uma clara expressão que irá na percentagem dos dois dígitos, não tenho grandes dúvidas.

Qual a tipologia de objetos mais vendidos dentro da arte sacra? Pintura, escultura, mobiliário, têxteis, alfaias religiosas, azulejos?

Se folhear um catálogo, vai ver que nós temos grupos só de arte sacra. Portanto, temos pintura sacra: e temos aqui dezenas de pintura sacra, escultura a mesma coisa. Provavelmente, o que tenho em mais quantidade é precisamente pintura e escultura. Mas não posso pôr de parte: volta e meia surgem conjuntos com alguma relevância de têxteis, pratas, como é óbvio, metais... quer em termos de quantidade de bens quer em termos de valor dos bens, escultura e pintura.

É uma venda constante ou sazonal?

Constante.

Considera que no Natal ou na altura das Festas de Lisboa há mais procura?

Há uma coisa que nós tendemos, quando conseguimos, podemos e se justifica é, por exemplo, presépios e figuras de presépios serem vendidos mais perto do Natal, mas é uma exceção. É completamente constante, não é sazonal.

Quem é que normalmente as compra? Privado ou instituições? Colecionadores, devotos ou outras motivações? Nacional ou Estrangeiro?

Ora bem, temos aqui um leque muito alargado que quase que compõe o leque tradicional de compradores em leilão. Colecionadores, claramente. Há em Portugal vários colecionadores de arte sacra, pode haver um ou outro (estou a pensar num concreto) generalista, que tanto compra pintura como escultura como objetos de decoração e alfaias litúrgicas mais comuns. Há, por exemplo, um grande conjunto de colecionadores de marfins indo portugueses, ou lusíadas, sacros e é um conjunto muito determinado, são umas dezenas deles.

Houve, agora muito pouco, comerciantes. Os comerciantes também compravam para abastecer os seus espólios.

Depois há colecionadores, por exemplo, de santos em concreto que tem normalmente a ver com o seu nome ou com o nome da mulher, ou com o nome dos filhos, enfim, com essas coisas muito pessoais, ou até algumas devoções de família antigas.

A maior parte são nacionais, mas depois tem os tais objetos de arte sacra, e estou a pensar muito concretamente na pintura, ou até na escultura de alta época, em que a maior parte das pessoas já olha não como um objeto sacro, mas como um objeto de arte, então os estrangeiros... que são nomeadamente os espanhóis, os italianos, os franceses, os belgas – uma parte substancial da Bélgica é católica –, depois temos os austríacos e uma parte da Alemanha. Portanto, há um conjunto de europeus, toda a parte da América do Sul, uma parte dos americanos. Os estrangeiros também compram, normalmente nas peças mais significativas. Aqui há uns anos, a pintura de arte sacra estava muito pouco valorizada em Portugal. E, de repente, de um ano para o outro, quase, os valores, contra a lógica do próprio mercado que vinha paulatinamente a decrescer e julgar do valor dos bens, da pintura

sacra começou a subir. E eu achei estranho e engraçado, e pedi para me darem a informação de quem são os compradores. E então vi que os pintores eram essencialmente italianos. Também percebi que muitos deles eram comerciantes. Então percebi tudo: um dos mais importantes mercados da arte sacra está nos Estados Unidos da América. Nos EUA há muitos católicos, sobretudo de origem portuguesa, espanhola, italiana, irlandesa, católicos que têm muito dinheiro. Note que nestes países onde os católicos são uma minoria, o catolicismo é normalmente mais fervoroso. Aliás, nos países onde uma religião é uma minoria é mais fervorosa, defende-se, estrutura mais as pessoas, identifica-as mais, portanto há uma comunhão maior. Nós não, nós somos todos católicos, portanto é-nos mais ou menos indiferente. E então, para os americanos, onde é que está a maior produção de arte sacra da Europa? Em Itália. E, portanto, nas últimas têm vindo a comprar, a comprar em Itália... mas Itália está a esgotar e portanto os italianos perceberam que em Portugal há uma produção, sobretudo do séc. XVIII, que independentemente de ter sido importada de Itália, ou feita em Portugal sobre modelos italianos, às vezes até por pintores italianos ou pintores portugueses que aprenderam com pintores italianos (os famosos vieram para Mafra), a partir do momento em que uma pintura pintada por um português à maneira italiana em 1740 sai de Portugal, nunca mais é portuguesa! É sempre italiana! Eles estão-se a abastecer no mercado nacional, têm que ser pinturas de qualidade (média, média alta e alta), e espanholas também, claro. Têm que estar em bom estado de conservação, que chegam a Itália e passam a ser italianas e vendem comerciantes e colecionadores americanos como italianas. Umas são, e outras são à maneira de Itália, de facto, tecnicamente são escola italiana.

É muito interessante compreender este circuito ligado com a arte sacra, mas há outros circuitos muito interessantes no mundo da arte e no mercado da arte, como as coisas circulam e que também levam uns enviesamentos jeitosos (não são propriamente aldrabões nem falsários, de todo). Dá-se assim um toquezinho porque é uma coisa cultural muito complicada que é: um americano tradicional acha que Portugal e Espanha são fracos. Portanto, ter uma coisa portuguesa não prestigia e, portanto, diz-se-lhes que é italiano. O mercado da arte tem estas subtilezas.

Considera que a devoção é fundamental para a procura deste tipo de objetos?

Não. Ajuda, não tenho qualquer dúvida que ajuda.

Eu, por exemplo, em minha casa tenho uma série de bens de arte sacra. Até, nalguns casos, umas pequenas coleções interessantes. E tenho algumas peças muito boas, tenho duas peças magníficas que herdei do meu Pai, de finais de XV e inícios de XVI. Portanto, sou um católico praticante e assumido, claro que ajuda, não é? Por exemplo, quando o meu Pai quis distribuir pelos netos uma série de bens, os meus três filhos escolheram três esculturas religiosas, porque são católicos e também ajuda.

Mas a verdade é que há tantos bens que começaram por ser sacros e foram dessacralizados, como já falamos, passam para o mercado como objetos de arte puro e duro, já não é tão importante como foi no passado. Mas contribui! Tanto contribui que a primeira coisa que eu lhe disse foi que a dessacralização da sociedade leva a haja menos consumo de obras de arte sacra.

Quais as representações mais vendidas? (TOP 5 – excluindo Sagradas Famílias e Cristos)

Eu não posso responder-lhe quais são as mais compradas porque isso tem a ver naturalmente com as que aparecem mais. Agora, as mais pretendidas, aquilo que as pessoas mais gostam, isso não tenho qualquer dúvida. Vamos lá então enumerar as cinco:

Número 1, talvez a mais vendida de todas: São Miguel – vai perceber porquê. É um Santo lindo, cheio de movimento, com asas, a pisar um demónio, que tem uma espada na mão, uma balança, vestido de guerreiro

Número 2: Sant’Ana ensina Nossa Senhora a Ler – porquê? Também se percebe muito facilmente. Tem uma cadeira, tem um objeto espetacular e, portanto, quando é séc. XVI, a cadeira é séc. XVI, quando é séc. XVIII a cadeira é barroca ou rococó, ou é neoclássica. Espetacular! Conheço uma coleção de Sant’Anas de um senhor que era casado com uma Ana e tinha talvez 150 Sant’Anas, tinha valido a pena ter feito um livro porque era espetacular porque ele tinha desde românicas, góticas, renascença, maneirista, barrocas, rococó e neoclássicas, tinha portuguesas

e estrangeiras e eram peças fantásticas, extraordinárias. A cadeira é, de facto, um elemento extraordinário! O espaldar por cima da cabeça de Sant'Ana, sentada a ensinar Nossa Senhora a ler.

Depois tem, claramente, o Santo António, por uma razão muito simples. O Santo António é, desde miúdo que digo isto, a maior injustiça chamar-lhe de Pádua. Santo António sai de Portugal com 28 anos, completamente deformado, é o exemplo acabado da cultura medieval portuguesa. E em 10 anos transformou-se. Como sabe, foi o Santo mais rapidamente canonizado da história, é Doutor da Igreja, e é um dos santos mais venerados do mundo inteiro, portanto, transformou-se num dos santos mais importantes da Igreja. É um homem que nasce no seu museu, como sabe, ali aprende com o tio que era Dião da Sé... eu vou-lhe explicar: eu fui comissário da exposição comemorativa dos 800 anos do nascimento de Santo António, em 1995 ou 1996. Foi uma exposição em São Vicente de Fora, que tinha cerca de 500 imagens/esculturas. Consegui convencer o pároco de Cascais – não foi fácil! – a emprestar a figura de Santo António a cavalo, uma peça raríssima. Não sei se sabe, que o Santo António foi ordenado como sargento até 1910. Santo António é uma figura extraordinária! E depois chamam-lhe de Pádua! Isto para explicar: é um santo português, um dos maiores santos da cristandade, é um santo tão importante que tem um dia importantíssimo no calendário para os portugueses e para os brasileiros – eu há três anos assisti ao Santo António em Salvador da Bahia e não tem explicação do que é! 3 milhões de pessoas na rua, no pelourinho! Não tem explicação... de facto, aquilo depois lá é em escalas gigantes. Os santos populares neles, então pelo Santo António, também comemoram o São João e o São Pedro, mas o Santo António é que é o grande santo em Salvador da Bahia. Portanto, tem todas estas características e depois tem ainda outra característica ou outra realidade que é: há imensos Antónios!

Depois tem as Nossas Senhoras. Apesar das inúmeras invocações, Nossa Senhora da Conceição é uma coisa: não só pela quantidade, mas porque as pessoas gostam dela. É muito bonita, está em cima da orbe, a orbe tem uma serpente enrolada, muitas vezes a orbe está cheia de querubins à volta, portanto aquilo é muito bonito. Bem, mas vamos deixar Nossa Senhora de parte.

Em termos de Santos, depois tem todos os santos, que não são muitos, que tenham figuras, portanto, que tenham mais do que uma figura, que tenham um menino. Portanto, São Caetano, todos os que tenham o menino Jesus. Não consigo dizer um em concreto!

Eu tinha a curiosidade de saber se, por acaso, São Vicente aparece muito ou não...

Muito pouco! Mas vende-se fantasticamente, em Lisboa então... já tive alguns, fantástico! É mais raro aparecer, mas quando aparece é vendido.

E, finalmente, talvez dos Santos mais apreciados é São Sebastião. O São Sebastião tem uma característica muito interessante: como está nu, é uma escultura anatómica fortíssima, quer seja séc. XVI, XVII, XVIII, portanto ele está despido – claro que tem uma tanga – mas não está como Nosso Senhor Jesus Cristo, ele está torcido, está a levar com as setas, está atado a uma árvore e portanto é um santo bastante pretendido e gostado, principalmente pela questão da representação ser um nu e não propriamente pela questão do martírio.

Quem vende as peças de Arte Sacra que vão a leilão? Quais as razões?

Isso é extraordinário! Por razões históricas imensas, o mercado da arte tem milhões de obras de arte sacras. Uma parte substancial destas obras estão no mercado de arte por inúmeras razões: já tive de explicar isto a imensas pessoas inclusive, que achavam inacreditável aparecerem tantas obras de arte sacra em leilão, se tinha sido roubado à Igreja. Não é verdade, claro que não foi nada roubado à Igreja. E começamos pelo princípio: uma parte substancial das obras de arte sacra estavam em privado. Cada solar tinha uma capela (às vezes eram verdadeiras Igrejas), cada casa tinha um oratório (enquanto divisória da casa) mas depois mesmo as casas mais pequenas tinham pequenos oratórios – as mais ricas tinham papeleiras com alçados oratórios, que serviam para rezar no dia-a-dia, pequenos oratórios de familiares ou pequenos oratórios individuais, devocionais. Portanto, esses sempre estiveram no mundo dos privados e foram transacionados tranquilamente ao longo dos séculos ou, sobretudo, a partir do séc. XIX quando o mercado de arte cresceu. Depois tivemos a extinção das ordens religiosas que, como sabe, extinguiu num

primeiro momento todas as ordens religiosas masculinas e as femininas ficavam extintas no momento da morte da última freira. É claro que não foi bem assim porque as próprias ordens religiosas aceleraram o fechamento de alguns conventos porque às tantas tinham cinco conventos, cada um com uma freira, iam juntado todas num convento só e outros quatro iam fechando. Portanto, ao longo de todo o séc. XIX, as obras de arte desses conventos eram colocadas à venda. Algumas, especiais, foram para os museus, foram para o Convento de São Francisco e depois passaram aqui para o Museu Nacional de Arte Antiga e para outros lados. Muitas ficaram à guarda, as coisas mais significativas, dos bispados e patriarcado, junto das Igrejas, mas o resto foi vendido em hasta pública tranquilamente. E, com a República, a mesma coisa. O famoso “venda-se” do José de Figueiredo, do Museu de Arte Antiga. Portanto veja a quantidade de objetos que há no mercado de arte. Não há explicação!

Então: quem vende? Toda a gente! A maior parte de obras de arte antiga estão ou estavam nas famílias tradicionais, portanto católicos, como é obvio, e em grande quantidade. Porque depois, essas famílias, muitas não compravam! Havia um célebre ditado no mercado de arte que se brincava: quando um antiquário ia a casa de uma família, e fazia à família as perguntas do costume: como é que a têm? Foi comprado, foi herdado? E então o fidalgo arruinado respondia do lado de lá: ó meu amigo, que conversa é essa? Nesta casa há 200 anos que não se compra nada, só se vende! Isto para dizer que ainda há uma enorme quantidade de bens que ainda estão nas famílias de origem: já não estão na casa de origem, nem no distrito de origem, mas ainda permanecem na mesma família. No fundo, eram capelas inteiras, que foram partilhadas entre 4 ou 5 filhos, que depois foram partilhadas entre os muitos netos, e assim sucessivamente. A quantidade é enorme e aparece em grande parte dos recheios. Sempre que eu vou fazer uma avaliação, seja para que efeitos for, muitas vezes acaba por ser para efeitos de venda, tem sempre arte sacra. Não tem como não ter.

Que tipo peças de Arte Sacra são mais frequentes no Mercado? (peças raras, peças antigas, peças populares)

Tem de começar por pensar que nós fazemos uma triagem daquilo que aceitamos. Costumamos aceitar peças de uma qualidade média para cima. Portanto, o mais comum é aparecerem peças medianas, há algumas peças populares que surgem e que são tão populares e tão engraçadas pela sua antiguidade (séc. XVI, XVII e às vezes XVIII) e apresentam formas tão arcaicas que por vezes temos dificuldade em definir a época. Ouça, muitas vezes peças produzidas na Beira, no Douro ou no Alentejo no séc. XVIII, pareciam ser mais antigas por as fazerem à maneira do séc. XVI, e só as identificamos através dos materiais utilizados. Portanto, aparece de tudo mas o que nós queremos é, claro, a mais alta qualidade. E aparece arte recuada, ou seja, séc. XV e XVI.

O mais comum é o comum! Mas, por vezes, surgem iconografias raras.

Qual a percentagem de lotes retirados neste tipo de Leilão?

Há. Nos leilões presenciais, cerca de 1/3. Nos leilões online é melhor, cerca de ¼. Nós vendemos cerca de 65 a 66% nos presenciais e 75% nos online. Nós estamos a incluir a Arte Sacra, nos leilões online de antiguidade gerais, não fazemos só leilões de arte sacra.

É frequente a venda dessas peças depois de retiradas?

Sim. Como as outras, não tem diferença relativamente às outras. Como sabe, nós temos uma política muito restrita sobre isso, só vendemos peças retiradas em leilão pelo valor base, não negociamos nunca, em caso algum, porque preferimos recolocar em leilão mais tarde, baixando o preço.

Considera que a procura pela figura de Santo António é influenciada por estarmos na cidade de Lisboa?

Não sei, sinceramente não sei. É influenciado porque estamos em Portugal, disso não tenho a mais pequena dúvida. É o Santo! Ele é um Santo internacional, já falámos sobre isso, mas é o Santo português por excelência. E é o santo que

representa a figura medieval, por excelência. E representa de uma forma extraordinária!

Eu acho que em alguma medida, sim. Acho que o principal factor para que o Santo António seja consumido é a sua portugalidade. O facto de ser lisboeta favorece, uma vez que é a principal cidade do país, mas pode por exemplo afastar, estou a pensar concretamente, a área do Porto, que preferem um São João. Pode acontecer isso!

Que tipo de iconografia mais surge para ser vendida em leilão? Santo António, com o menino, Santo António a pregar aos peixes?

Claramente Santo António com o menino. Em segundo lugar aparece uma iconografia deliciosa que é o Santo António com o menino mas com o saco de pão, às vezes até aparecem uns com um saco à frente e outro atrás. Santo António a pregar aos peixes creio que nunca vi em pintura, apenas apareceu para venda em Azulejo, e aparecem muito pouco – havia muitos conventos franciscanos e, portanto, Santo António era um santo incontornável, tanto cá como no Brasil. Aparece como cónego regente de Santo Agostinho, a cavalo (militar) nunca tive nenhum.

Que tipo de peças c/ imagem de Santo António têm maior procura? (pintura, escultura, azulejos...) E qual a iconografia?

Escultura, sem dúvida. Santo António é um Santo incontornável. Toda a gente gosta, toda a gente tem, não é preciso chamar-se António para ter um Santo António em casa. É um bocadinho como o São João Batista, ou como as iconografias de Nossa Senhora ou Sant'Ana. Hoje em dia, quem compra santos, procura os santos do seu próprio nome, ou dos filhos, ou da mulher... Muitas vezes, é uma compra para oferecer, numa espécie de perpetuação cultural e religiosa.

E ex-votos, aparecem? E Toni Malau?

Sim, aparecem. Sim, já tive e vende-se logo! É uma iconografia diferente e as pessoas interessam-se, e os materiais são geralmente mais valiosos pelo que são logo vendidos.

Surgem Santo Antónios sem o menino? Por causa das tradições relacionadas com o Santo António... E se isso é impedimento ou não para se vender?

Vale um bocadinho menos, mas não! Até porque se arranjam meninos.. às vezes até é ao contrário: aparecem meninos soltos. Há uns anos, fui ver um acervo grande de um colecionador que morreu, não tinha filhos, teve que vender as suas coisas porque ia para um lar e tinha uma gaveta só com Meninos Jesus de Santo António. Em suma, respondendo às suas perguntas:

1º - Santo António vende e vende mais que a maior parte dos outros santos. Portanto, há em Portugal um gosto específico pela figura de Santo António, pela iconografia de Santo António, pela adoração a Santo António e pelas festas de Santo António, há imensos Antónios, eu não sei se sabe quantas são as freguesias em que Santo António é o padroeiro, em quase todos os bairros há uma rua de Santo António, há imensas terras com feriado no dia 13 de Junho... Isto para dizer que obviamente é um Santo que vende e vende mais do que os outros. Assim, se eu tiver um Santo António rigorosamente igual a um São José, Santo António vale mais. No jogo da oferta e da procura, atinge valores mais altos porque há mais pessoas interessadas em comprar.

Entrevista 3. Galeria da Arcada

António Costa, dia 17/10/2017 às 18:40

No Mercado da Arte Nacional, qual a importância da Arte Sacra?

Continua a ter importância, mas não é um mercado muito grande. Há uma minoria que procura arte sacra.

Qual a percentagem de venda no volume de negócio do Antiquário?

A maioria das obras que se vendem na Galeria da Arcada são objetos de arte sacra. Temos também faiança e mobiliário.

Qual a tipologia de objetos mais vendidos dentro da arte sacra? Pintura, escultura, mobiliário, têxteis, alfaias religiosas, azulejos?

Escultura, sem dúvida. Mesmo o mobiliário religioso, nomeadamente os oratórios, que há uns tempos tinha alguma procura, agora não.

É uma venda constante ou sazonal?

O mercado de antiguidades é, na verdade, uma incógnita. Nunca sabemos a quem vendemos, quando, como e o quê. Normalmente eu na altura do Natal vendo muito pouco, por exemplo, e vendo mais em Janeiro e Fevereiro. Por outro lado, às vezes há Natais em que vendo. Já tive vezes em que o mês de Agosto foi o melhor mês da loja e normalmente o mês de Agosto é um mês mais parado, em que os antiquários estão quase todos fechados, porque há muito pouca procura. Há meses em que não vendemos absolutamente nada, cheguei a estar quatro meses sem vender nada. E depois, de repente, num dia posso fazer a venda do ano.

Quem é que normalmente as compra? Privado ou instituições? Colecionadores, devotos ou outras motivações? Nacional ou Estrangeiro?

São particulares, muitas vezes colecionadores. Há alguns que são devotos mas normalmente os devotos não compram imagens. A percentagem de venda para nacionais e estrangeiros é 50/50. Nos últimos tempos tenho vendido mais a estrangeiros.

Considera que a devoção é fundamental para a procura deste tipo de objetos?

Não. Pode ajudar mas não é. Eu até conheço gente muito religiosa que não tem uma única imagem em casa. E quem normalmente compra as imagens é mais no espírito da coleção. Não é para orar, mas mais por ser uma peça de arte.

Quais as representações mais vendidas? (TOP 5 – excluindo Sagradas Famílias e Cristos)

Nossa Senhoras garantidamente. Depois também Santo António, São José, Sant'Ana e São João.

Que tipo peças de Arte Sacra lhe interessam comprar para depois vender? (peças raras, peças antigas, peças populares)

Depende da peça: pode ser uma peça do séc. XIX e ter interesse, como ser uma peça do séc. XVI ou XV. É mais difícil vender as peças recuadas. As peças de maior procura são geralmente do séc. XVIII e XIX mas depende muito da peça em si.

Considera que a procura pela figura de Santo António é influenciada por estarmos na cidade de Lisboa?

Eu penso que sim e tenho vendido figuras de Santo António a estrangeiros que compram Santo António precisamente por ser o Santo de Lisboa.

Que tipo de iconografia mais surge para ser vendida? Santo António com o menino, Santo António a pregar aos peixes?

Garantidamente o Santo António com o menino. Às vezes aparecem alguns milagres: como o milagre da mula, a pregar aos peixes, mas o que aparece com facilidade é o Santo António com o menino.

**Que tipo de peças c/ imagem de Santo António têm maior procura?
(pintura, escultura, azulejos...) E qual a iconografia?**

Escultura. A pintura religiosa é muito mais difícil de se vender do que a escultura. Azulejos também aparecem às vezes, mas é mais raro.

Entrevista 4. Galeria da Arcada

Dr. António Miranda, dia 18/01/2018 às 16:00

(Nota: nesta entrevista abordámos o entrevistado na sua dupla qualidade de antiquário e de colecionador)

No Mercado da Arte Nacional, qual a importância da Arte Sacra?

Para mim, é uma importância enorme, sempre colecionei Arte Sacra desde miúdo, imagens e esculturas sacras, e como pode ver a minha loja é maioritariamente Arte Sacra. Aqui a realidade da venda de Arte Sacra continua a estar relacionada com a religião, com a Igreja. Por exemplo, tenho muitos clientes padres, que compram para pôr na Igreja e isso. A função da Arte Sacra tem função de Arte Sacra. No entanto, as figuras de santinhos que tenho aqui eu costumo dizer que são objetos de arte e não tanto objetos de devoção. Não digo que uma ou outra pessoa não acredite e não compre por devoção, mas no geral não me parece que seja isso que acontece. A maior parte compra porque é uma peça que gosta.

Qual a percentagem de venda no volume de negócio do Antiquário?

É talvez 90% e, o restante, faiança. Mesmo o mobiliário está sempre relacionado com arte sacra, como oratórios, relicários, entre outros.

Qual a tipologia de objetos mais vendidos dentro da arte sacra? Pintura, escultura, mobiliário, têxteis, alfaias religiosas, azulejos?

Escultura, sem dúvida. Pintura há em muito menor volume e, quando há, por vezes não se vende tanto quanto se gostaria.

É uma venda constante ou sazonal? Considera que no Natal ou na altura das Festas de Lisboa há mais procura?

No natal sim, sente-se bastante isso. Mas nas Festas da cidade não se sente tanto isso. A venda é mais constante do que sazonal.

Quem é que normalmente as compra? Privado ou instituições? Colecionadores, devotos ou outras motivações? Nacional ou Estrangeiro?

Mais particulares, sem dúvida. A questão do nome está relacionado, mas há muita gente que compra aqui por devoção. Normalmente, quem compra aqui são mais portugueses, apesar de tudo. Houve uma altura que os estrangeiros procuravam mais mas houve uma quebra, e está praticamente equilibrado a percentagem de portugueses e estrangeiros a comprar.

Considera que a devoção é fundamental para a procura destes objetos?

As pessoas que compram num antiquário compra arte sacra porque gostam de arte sacra, do objeto. Mas também há pessoas que compram por devoção. Houve uma mudança de paradigma na mentalidade, acho que não é assim tão linear e varia muito de pessoas para pessoas. No entanto admito que muita gente compra porque é religiosa e gosta de ter o santo. A maneira de pensar mudou, mas a Igreja também mudou muito. Há 40 anos os compradores aqui da loja eram bastante diferentes dos de hoje em dia!

Quais as representações mais vendidas? (TOP 5 – excluindo Sagradas Famílias e Cristos)

O Santo António, por exemplo, há muita gente que o procura porque ele nasceu aqui em Lisboa, foi canonizado, é um Santo Popular e... é um santo nosso, e as pessoas gostam disso! É fatal! Em Portugal é um santo muito adorado e vangloriado, e com razão! A Nossa Senhora com o menino Jesus também se vende muito... são aquelas figuras que falam mais connosco!

Considera que a procura pela figura de Santo António é influenciada por estarmos na cidade de Lisboa?

É, sem dúvida! Mas não só na cidade de Lisboa, em todo o país!

Que tipo de iconografia mais surge para ser vendida? Santo António com o menino, Santo António a pregar aos peixes?

Dos milagres há menos, aparece regularmente Santo António com o menino, sendo que às vezes aparecem sem o menino, Santo António cónego regante (aparece menos, mas por vezes aparece).

Qual a razão de querer colecionar figuras de Santo António?

Eu acho que nasci com a mania das coleções. Colecionava selos, moedas, etc. As pessoas nascem assim, acho eu. O Santo António, gostava imenso dele... O nome também pode ter sido por isso, mas eu gostava tanto de colecionar, da sua figura, e da sua história, que acabou por acontecer. **Com que idade?** Não me lembro, mas na faculdade já tinha uns quantos. A primeira imagem que eu comprei com o primeiro dinheiro que ganhei na tropa está aqui, ainda tenho.

Ser/não ser religioso ou devoto de Santo António teve influência?

Tem, tem! Era (ainda sou) católico, mas não tão praticante e sempre estive muito ligado à religião. O meu tio também era cónego da Sé de Lamego e acabou por me transmitir muito da sua fé, o que também me fascinou.

Sempre quis fazer coleção deste tipo de figuras ou foi adquirindo esse gosto com o tempo?

Fui adquirindo cada vez mais com o tempo, de tal maneira que se descontrolou um bocado. Via um Santo António e comprava-o, sem pensar duas vezes. E rapidamente deixei de ter espaço para outras coisas. Mas tudo e mais alguma coisa, até rótulos de garrafas tinha, bastava dizer Santo António. E a certa altura tinha uma quantidade infindável de coisas e que algumas não tinha grande qualidade artística. Então comecei a decidir e a despachar algumas coisas. Ainda tenho algumas coisas, mas já não tenho na mesma quantidade.

Procura mais que tipologia de peças? Ou a tipologia não interessa?

Nessa altura era tudo! Incluindo livros, postais, pagelas... tudo o que tinha Santo António, era fatal! Faiança... etc.

Onde comprava? Em leilões/antiquários/particulares?

Só em antiquários. Às vezes até comprava aqui para mim. Mas agora, como os tempos estão mais difíceis, chego a vender aqui.

É colecionador de outro tipo de objetos?

Faço de outras coisas, também. Hoje em dia já não tanto mas já fiz, já fiz. De outros santos, não. Tenho uma grande coleção de crucifixos, de cristos, também.

Como distinguia o papel de colecionador e de comerciante?

É muito difícil! Compro para guardar, mas quando se tem em grande quantidade começamos a fazer escolhas, para poder comprar outras coisas de maior qualidade. O facto de ter querido ter uma loja há 40 anos era também por esta razão: já não tinha espaço para mais peças e assim podia vender e comprar outras novas.

Sabe-me dizer quantos Santo Antónios teve?

Eu Santo Antónios nunca cheguei a ter em grande quantidade, porque chegava a uma altura e ia trocando com outros colecionadores ou até vendendo. Cristos é que tinha imensos, e fartava-me de comprar Cristos.

Bibliografia

AAVV, *Em Louvor de Santo António de Lisboa*, No Oitavo centenário do seu Nascimento, 1195-1995, Lisboa: Igreja-Casa de Santo António, 1998;

AAVV, *Guia - Museu de Lisboa Santo António*, Lisboa: CML/INCM, 2016;

AZEVEDO, Carlos, *Roteiro do Culto de Santo António na Diocese do Porto*, Porto, 1996;

CAEIRO, Francisco da Gama, *Pensamento Português, Santo António de Lisboa*, Lisboa: Editora Verbo, 1990, na Introdução, assinada no Paço da Quinta, setembro de 1989;

CAEIRO, Francisco da Gama, *Santo António de Lisboa*, I vol., Lisboa, 1967;

CAEIRO, Francisco da Gama, *Santo António de Lisboa*, vl. 2, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1995;

GANHO, Maria de Lurdes Sirgado, *O essencial sobre Santo António de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2007;

GOMES, Mariana e **DÂMASO**, Isabel, *Tradução Devocional de Santo António*, Lisboa: Universidade de Lisboa - Centro de Tradições Populares Portuguesas “Professor Manuel Viegas Guerreiro”;

FONTES FRANCISCANAS III, *Santo António de Lisboa*, vl. 3, Braga: Editorial Franciscana, 1998;

MAGALHÃES, João, *Portugal in The International Art Markets – The essential guide for collectors and investors*, London and Philadelphia: Kogan Page, pp. 253-263;

MATTOS, Armando de, *Santo António de Lisboa na tradição popular*, Porto: Livraria Civilização, 1937;

NUNO, Fernando, António - *a Biografia do Santo do Amor*, Parede: Ministério dos Livros, 2008;

REMA, H. Pinto, *As Fontes dos Sermões de Santo António de Lisboa*, revista do Instituto Superior de Teologia de Évora, *Eborensia*, ano XVII, 2004, nº 34;

REMA, H. Pinto, em *Alma*, 12, (SL), 1955;

REMA, H. Pinto, em *Colóquio Antoniano*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1982;

REMA, H. Pinto, *Il Vocabolario del' "Opus Evangeliorum" di Sant'Antonio da Lisbona*, em *Le Fonti e la Teologia dei Sermoni Antoniani*, a cura di Antonino Poppi, Edição Messaggero, Pádua, 1982, e tradução portuguesa, *O Vocabulário do "Opus Evangeliorum" de Santo António de Lisboa*, em *Itinerarium*, ano XXVII (1981), separata de 16 pp., Braga, 1983;

REMA, H. Pinto, *Obras Completas de Santo António de Lisboa*, I, II, III vols., Sociedade de Língua Portuguesa/Editorial Resistência, Lisboa, 1970;

REMA, H. Pinto, *Obras Completas de Santo António de Lisboa*, I, II vols., Lello e Irmão Editores, Porto, 1987;

REMA, H. Pinto, *Obras Completas de Santo António de Lisboa*, I, II vols., Lello e Irmão Editores, Porto, 1997;

REMA, H. Pinto, *Oito Séculos de Missionaçaõ Portuguesa – Encontro de Culturas*, álbum da exposição, Lisboa, 1994;

REMA, H. Pinto, *Sermões de Santo António – Antologia Temática*, II vol., Lello e Irmão, Lisboa, 2000.